

Aldo M. Rizzi

Santo Antônio Maria Zaccaria
ESPIRITUALIDADE



Aldo M. Rizzi

**Santo Antônio Maria Zaccaria
ESPIRITUALIDADE**

PADRES E IRMÃOS BARNABITAS 2022

RIZZI Aldo, Santo Antônio Maria Zaccaria, ESPIRITUALIDADE,
Tradução do original em inglês, *Barnabite Spirituality* por Maria Lú-
cia Pereira Karam, Rio de Janeiro 2022

ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA

A todos que amam Santo Antônio Maria Zaccaria e bebem das fontes
de sua Espiritualidade: Barnabitas, Angélicas, Leigos de São Paulo,
Juventude zaccariana e tantos outros.

APRESENTAÇÃO

Padre Aldo Rizzi (1932-2022), Barnabita italiano, um dos pioneiros da fundação nas Filipinas, onde foi Mestre de Noviços de vários confrades. Eu o conheci há alguns anos atrás, quando ele já havia voltado definitivamente para a Itália. Antes, mantive algum contato com ele quando eu estava como Mestre de Noviços em Samambaia (DF) e ele na mesma função em Marikina City (Filipinas). O contato era complicado e se fazia pelo skype, recurso muito utilizado na época (15-20 anos atrás). Havia, porém, uma grande dificuldade, o fuso horário com diferença muito ampla entre os dois países e, além disso, era preciso conciliar os horários das duas casas de Noviciado. Mas mesmo assim, conseguimos trocar algumas experiências.

Pois bem, logo após seu falecimento, o site Barnabite Publications divulgou esse trabalho do Pe. Aldo, escrito em inglês e traduzido para o Português por Maria Lúcia P. Karam, minha irmã. Trata-se de um trabalho certamente feito para ajudar os Noviços de língua inglesa a conhecerem melhor a espiritualidade de nosso Fundador. Julguei oportuno publicar sua tradução, o que poderá ser útil para os formadores e para os formandos atualizarem seus conhecimentos sobre o que é fundamental no nosso caminho.

A obra em seu original, contempla apenas o lado Barnabita. De fato, se intitula Barnabite Spirituality. Resolvemos colocar o título mais amplo em Português, porque a riqueza dessa reflexão vale igualmente para as Angélicas e para os Leigos de São Paulo e, por que não, para todo o Povo de Deus.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP
Rio de Janeiro, 30 de abril de 2022

SUMÁRIO

7 Os Escritos

As Cartas

Os Sermões

As Constituições

9 As Fontes

São Paulo

Frei Battista Carioni de Crema

Escrituras

Padress e Doutores da Igreja e Outros Autores Espirituais

11 Mensagem Espiritual zaccariana

15 Vocação Universal à Santidade conforme Santo Antonio Maria

30 Condições para a Santidade

42 O alimento espiritual

46 Crescimento Espiritual

50 Vida Religiosa segundo Santo Antonio Maria

63 Santo Antônio Maria Zaccaria e o Concílio Vaticano II

66 Conclusão geral

OS ESCRITOS

Antonio Maria Zaccaria não teve tempo e disponibilidade para construir um tratado sobre sua própria espiritualidade. Tampouco teve tempo para estabelecer um diretório para seus companheiros. No entanto, podemos traçar alguns pontos essenciais a partir dos poucos escritos que temos.

AS CARTAS

Existem 12 cartas.

São esparsas, mas imbuídas do espírito do Fundador. Os destinatários são: as duas comunidades de Barnabitas e Angélicas; os dois cofundadores; Frei Battista de Crema; Padre Battista Soresina; o casal Omodei; Carlo Magni de Cremona; Giovanni Giacomo Piccinini de Milão; e outros.

Versam sobre vários temas: direção espiritual; atividades; apostolado missionário; perfeição cristã e religiosa; observações. A partir dessas cartas temos notícias interessantes sobre as Horas Sagradas, suas atividades apostólicas, suas relações com o grupo espiritual de Cremona, seus movimentos e seus colaboradores.

OS SERMÕES

Existem seis sermões. O sétimo é o discurso que ele fez na véspera do julgamento da Ordem em 4 de outubro de 1534.

Foram proferidos entre 1528 e 1530, dirigindo-se ao grupo espiritual de Cremona, que se reunia na igreja de São Vital. A essa época, Antonio Maria ainda era leigo. Os sermões seguem um método escolástico e se dividem em duas partes:

- A parte teológica, lidando com um tema genérico, uma espécie de introdução aos temas específicos que se seguem.
- Uma parte espiritual moral, lidando com um problema específico: o Decálogo (1-4) as paixões (5) e a tibieza (6).

Mas, a fronteira entre as duas partes é tão tênue que ele vai de um lado para o outro sem uma divisão precisa.

AS CONSTITUIÇÕES

O texto veio de outro em latim que Frei Battista de Crema deu a Antonio Maria.

Mas, o Fundador o reescreveu pessoalmente. Pode ter sido escrito por volta de 1534, no ano da morte de Frei Battista e um ano depois da aprovação da Congregação. Divide-se em 19 capítulos.

Os Capítulos 1 a 10 descrevem a espiritualidade da vida consagrada com os três votos de Obediência, Pobreza e Castidade, apoiados na oração e na caridade.

A segunda parte, Capítulos 11 a 19, é dedicada às estruturas dos diferentes ofícios, aos deveres da observância regular e à formação de noviços. Os capítulos qualificadores são: capítulo 9 sobre as reuniões quotidianas, abertas a leigos; capítulo 17 sobre os sinais de corrupção dos costumes. O capítulo 18 é sobre as qualidades de um bom reformador, um conjunto de linhas mestras de comportamento e apostolado para a primeira missão dos Barnabitas, de modo a reformar o povo cristão.

Essas Constituições jamais foram levadas a aprovação, talvez porque os primeiros Barnabitas fossem todos adultos e não necessitassem de tantas regras escritas, mas sim de exemplos vivos. Queriam uma comunidade viva mais do que uma coleção de regras escritas que poderiam ser consideradas letras mortas. As primeiras Constituições foram aprovadas por Gregório XIII em 1579.

AS FONTES

São Paulo

São Paulo é a principal fonte do pensamento zaccariano. Isso se pode ver no famoso discurso de 4 de outubro de 1534, quase integralmente formado por citações paulinas. Ele apresenta São Paulo como o legislador, nos diferentes aspectos de sua vida e doutrinas. São Paulo surge como:

- o intérprete qualificado do Evangelho, da mortificação, da renúncia.
- o mestre e guia com sua doutrina, em que nos indica o Crucificado e nos diz para imitá-lo.
- o verdadeiro modelo de amor pelo Crucificado e o modelo de zelo apostólico.

Battista Carioni de Crema

Foi uma das figuras mais peculiares da reforma pré-tridentina e um dos precursores da moderna espiritualidade. Sua doutrina se baseia, essencialmente, no princípio do combate espiritual (tema dominante da espiritualidade italiana no século XVI). Todos os seus escritos versam sobre a necessidade e a facilidade de lutar contra si mesmo de modo a vencer e conquistar o próprio ser. Podemos vencer através de nosso compromisso e da graça de Deus. A meditação é um dos meios mais eficazes para obter essa vitória. Seguindo o sofrimento de Cristo e nos abandonando à graça divina, podemos chegar à contemplação. Mas, ao mesmo tempo, o apostolado completa o aspecto contemplativo da oração. O apostolado não é uma distração da oração, mas o meio para a própria contemplação perfeita. Esse frei dominicano teve grande influência na formação de Zaccaria.

Escrituras

O profundo conhecimento das Escrituras e sua autoridade abso-

MENSAGEM ESPIRITUAL DE ZACCARIA

1. É uma espiritualidade prática, destinada à aquisição das virtudes e à salvação da alma. Não é especulativa, sistemática, filosófica, nem mesmo introspectiva ou psicológica.
2. A ênfase está na força de vontade e na parte afetiva do homem.
3. É anti-humanística e bastante austera; o esforço é para fazer que o velho homem morra para chegar ao novo, através da vitória sobre nós mesmos e a reforma interior.
4. Seu misticismo é a exaltação do puro amor, alvo final do ascetismo. O objeto desse amor é o próprio Deus.
5. É uma espiritualidade moralista. Quer ensinar as pessoas a adquirir virtudes, inclusive com devoções (a Eucaristia, a Virgem Maria, São José, as Cinco Chagas, etc.)
6. É uma espiritualidade centrada em Cristo. Mais paulina do que ligada a João, mais centrada em Cristo como redentor e cabeça do corpo místico do que na Palavra de Deus. O centro é a humanidade de Cristo, a Cruz de Cristo.
7. É uma espiritualidade que aspira a reformar a Igreja. O Apostolado é o caminho ordinário para alcançar a perfeição.

São dois os aspectos mais importantes de sua espiritualidade.

O caminho para Deus, como concebido por Zaccaria, desenvolvendo-se em três momentos:

- a. Deixar o exterior, isto é, superar os aspectos materiais e sensitivos da experiência humana;
- b. Entrar no lado interior do homem, isto é, concentrar-se em si mesmo;
- c. Conhecer Deus e viver em familiaridade com Ele.

Em outras palavras: a vida espiritual se caracteriza pela oração, ascética, obediência à vontade de Deus e sua providência e prática da justiça e do amor.

Pressupõe um grau de vida interior, ou seja, uma capacidade de

concentração, meditação, compreensão da linguagem da consciência e do espírito e um interesse no grande tema da espiritualidade: salvação da alma e do mundo e perfeição moral, assim como a busca do bem.

Mas, isso só é possível quando dominamos nossa sensibilidade, sem deixar que o trabalho, os divertimentos, as relações com os outros e as preocupações pessoais nos obstaculizem de tal forma que sufoquem nossos desejos espirituais.

Zaccaria adverte seus discípulos sobre a interioridade e o exercício do espírito, ressaltando que devemos sempre rever tais exercícios de modo que não se tornem uma rotina. Insiste na *Lectio Divina*, base fundamental do exercício espiritual e do crescimento.

Zaccaria sabe que o crescimento é um dom do espírito, mas, ao mesmo tempo, resultado de nosso próprio esforço pessoal. A oração mental ou a meditação são o centro do caminho que conduz a Deus. Devemos viver em uma contínua tensão orante.

Contemplação em Ação

Se é verdade que quem vive espiritualmente tem Deus em seu coração, também é verdade que quer colocar sua vida a serviço dos outros, de modo a se tornar um meio para alcançar a Deus.

Portanto, aqui, o apostolado e a perfeição estão relacionados. Há uma relação estrita entre nossa própria perfeição e a dos outros, a saber contemplação e ação. Cristo é o modelo dessa vida mista. Quando há uma mistura de contemplação e ação, a pessoa se enriquece por ambos os aspectos da vida. Assim, a vida é mais preciosa do que um tesouro. Os paulinos realizam essa perfeição, girando entre dois polos, ascetismo e apostolado.

O Carisma dos Paulinos

A renovação do fervor cristão, que, para Zaccaria, é o verdadeiro propósito da reforma, visa à pura honra de Cristo, à perfeição dos outros e à pura mortificação de si mesmo. A visão de Paulo se centra no

Cristo sofredor e crucificado.

Espiritualidade centrada em Cristo

O centro da vida cristã é Cristo e Cristo Crucificado, que, ao mesmo tempo, é uma pessoa viva com quem podemos dialogar com familiaridade.

A referência à cruz pressupõe a consagração a Jesus, que nos amou e morreu por nós. Kenosis, ou esvaziamento de si, é a única forma de viver nossa sequela Christi e de nos doarmos aos outros, ou seja, o apostolado para os irmãos e irmãs de forma que ninguém morra sem que lhe seja levada a salvação. Somente suportando e “comendo” cruces, teremos êxito em vencer a tibieza, que é o pior inimigo da perfeição.

Mas, a cruz se torna fonte de consolo, paz e vitória sobre nós mesmos. É o Crucificado que nos consola e se torna nosso companheiro na oração.

Ligada ao Crucificado está a Eucaristia, que reproduz a própria vida do Cristo da cruz. A Eucaristia é o Crucificado vivo, uma vítima sacrificada. A Missa é a devoção do Crucificado na Eucaristia.

Doutrina Paulina

São Paulo é um exemplo vivo do Cristo Crucificado. Dele o Fundador adota:

a) A ideia central do plano providencial de Deus, realizado em Cristo. A ação santificadora de Cristo é uma mudança do homem velho para o novo. Foi o que aconteceu na vida do próprio Paulo, antes e depois de sua conversão.

b) A *metanoia* ou conversão, isto é uma completa renovação interior. O homem velho deve se privar de si mesmo e de sua vontade, a fim de servir-se da santidade de Cristo para desejar, amar e agir de uma nova maneira.

c) O sentido social da caridade, de modo a renunciar à alegria do céu.

Ele já vê a necessidade iminente de permanecer nesta vida por causa dos outros.

d) O contraste entre a economia do Antigo e do Novo Testamento, a lei da liberdade. O Deus do Novo Testamento é um Deus com quem você pode falar com familiaridade, porque Deus se revelou em Jesus Cristo.

Reforma pessoal

Zaccaria teve a visão de que um Instituto novo, nascido para a reforma da Igreja, está sempre precisando de reformar a si mesmo. E estabelece os critérios para essa constante reforma.

Ele estabeleceu o princípio da separação do Instituto quando o grupo não puder ser reformado pela vida em comum. Os que não se conformarem com o relaxamento da vida da comunidade podem se separar do Instituto e formar um novo .

Quando isso é possível? Quando a obediência se corromper; quando a pobreza estiver arruinada; quando a castidade estiver sufocada e manchada; quando o vício da gula e uma tibieza generalizada crescerem na vida comunitária; e quando as relações com os superiores forem precárias, assim como a vida sacramental, os capítulos da comunidade, etc.... Então, ele descreve as qualidades do reformador, cujo programa é derrotar a tibieza através da cruz. O Reformador deve intervir a tempo, ser prudente, magnânimo, perseverante, humilde, tolerante. deve ser um homem de oração com intenções honestas e deve escolher bons colaboradores. Zaccaria via a renovação do fervor cristão como o trabalho do reformador, que deve sempre reformar a si mesmo.

VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE CONFORME SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA

Introdução

Qual é o fim do homem, a razão última de sua existência, “aqui e agora”? Sem dúvida, é uma pergunta inevitável para quem vive sua vida cotidiana e se permite um questionamento, pois tal pergunta toca a raiz de toda vocação humana. Além disso e em relação bastante próxima, há outro questionamento referente ao “modo” e aos “meios” para identificar e alcançar esse fim.

Dando-se como certo que esses questionamentos sempre estiveram presentes no espírito humano, vejamos as respostas dadas por Santo Antonio Maria a si mesmo e às pessoas de seu tempo. Sobre esse tema, podemos lembrar e desenvolver o que foi dito em relação à mensagem espiritual do Fundador, guiando-nos por seu pensamento, como expresso nas *Cartas, Sermões e Constituições*, pensamentos esses que constituem uma herança espiritual preciosa para seus discípulos (que é importante ressaltar são os leigos e todos os religiosos).

O fim do homem: “alcançar a Deus”

Em seus Escritos, aparecem duas expressões frequentemente utilizadas, quase com insistência. “*Caminho para Deus*” e, com maior frequência, “ir para Deus”, que não são expressões originais do Fundador, podendo sim ser encontradas nas Escrituras (cf. Salmos 18,31; 25,4; 86,11; 119,3.15,27ss.; Mt 22,16; Lc 20,21) e nos Padres da Igreja, provavelmente tendo sido pegadas emprestado de Frei Batista de Crema. De todo modo, ressaltam uma tese fundamental para a espiritualidade de todo cristão. “*Caríssimo, o homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus*” (20601). É essa, pois, a vocação essencial do homem. Sobre esse tema, Antonio Maria fala de um “*instinto natural*” (cf. 20601-04) ou um “sentimento religioso” que impele o homem

para Deus e não pode ser eliminado: “*Deus deu ao homem uma capacidade intelectual que não tem fim e que nem pode acabar neste mundo; deu-lhe um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição; deu-lhe uma insatisfação permanente em relação às coisas desse mundo e um desejo contínuo das coisas do céu*” (20607).

Segue-se que o homem, embora podendo ter outros fins, não os pode considerar como fins últimos, mas apenas penúltimos, subordinando-os ao fim último que é Deus. O Fundador, então, qualifica o que diz, acrescentando que “*chegar até Deus*” significa “*conhecer a Deus*” (cf. 20201 e 20601-08). É claro que não se trata apenas de um conhecimento da mente, mas também do coração, pois inclui a total energia do homem interior. Assim, “conhecer a Deus não significa” saber quem Ele é, mas sim e antes de tudo “encontrá-lo”, “experimentá-lo” e, finalmente, “entrar em comunhão com Ele”. É claro que desse conhecimento interior pode-se chegar ao conhecimento exterior. Além disso, Deus trabalha de forma diferente do homem: portanto, o ponto de encontro entre Deus e o Homem acontece graças a um movimento duplo:

- de Deus para o homem: Deus, tomando a iniciativa, começa do alto para baixo, provocando “graça e luz na alma e, então, as injetando no corpo”.

- do homem para Deus: o homem, respondendo à iniciativa divina, procede de baixo para o nível mais alto: “*o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus*” (20215).

Mas, ambos se movem por “amor”. Assim, pode-se ver que só existe uma “maneira” de seguir, embora historicamente manifestada de diversas formas. Para melhor entender o pensamento do Fundador sobre essa “maneira”, penso que é correto seguir as duas chaves usadas por ele para a compreensão de seus ensinamentos. Há uma diferença entre o “conhecimento” e o “uso” por parte das criaturas: o primeiro está no nível teológico e a segunda no nível moral.

A. “Caminho para Deus”: Nível Teológico

O Fundador demonstra, em seus sermões sobre a “paixão” (5) e sobre a “tibieza” (6), alguns “caminhos” prováveis para o enfoque do problema. Podemos chamá-los:

- “caminho da afirmação ou da causalidade”
- “caminho da negação ou da remoção”
- “caminho da analogia ou da eminência”

1. “Caminho da afirmação”

Se considerarmos que podemos conhecer o homem pelo que ele realiza (pois, em suas obras, deixa algo de si, o reflexo de sua personalidade), muito mais se dá em relação a Deus, pois, “*Deus é causa de todos os bens*” (20307), “... *todas as criaturas têm obrigação para com Deus, mas principalmente o homem, porque Deus o criou, o governa e o liberta dos contratempos e perigos, conserva-o e lhe aumenta os dons*” (20308).

O caminho da afirmação, teologicamente, diz que Deus pode ser conhecido através das criaturas. O grande perigo desse caminho é o conceito de antropomorfismo. No entanto, o próprio Deus o utilizou com a Encarnação, o que o torna possível e praticável. Daí se conclui que podemos chegar à contemplação de Deus, seguindo o caminho da criação, revelação, redenção e do “trabalho do espírito”.

a. Criação

Com efeito, todas as criaturas contribuem para o fato de que o homem pode chegar até Deus; assim:

- tão somente com a luz natural da razão, é possível conhecer a Deus, descobrindo-se sua presença nas criaturas visíveis e na natureza, dadas por Deus ao homem.
- com a inteligência, podemos conhecer e contemplar as criaturas invisíveis e, ao mesmo tempo, a perfeição invisível de Deus (acima de tudo, seu poder eterno e sua divindade). Consequentemente: “*Será que*

a estrutura e a beleza das criaturas servem para alguma coisa? Elas ajudam, porém, a entender a importância, grandeza e os outros valores que estão em Deus e a entender o próprio Deus” (20601).

- Sobre os especiais benefícios dados ao homem por Deus, podemos notar que: *“Caríssimo, você quer ver como é que Deus fez estas criaturas para que cheguem até Ele? Até os benefícios especiais, próprios só da humanidade - como, por exemplo, a Redenção - Deus os mostrou de maneira sensível. Tanto assim, que os Anjos apareciam aos homens numa forma semelhante aos homens ou sob outra forma, conforme a situação. E Ele fez isso para que - por meio dessas coisas, que são conhecidas por nós, porque as vemos a toda hora - pudéssemos chegar a Ele mais facilmente e nos lembrar Dele com maior frequência” (20604).*

- O homem é uma criatura racional, “sensível e inteligente, corpórea e espiritual”, feita por Deus à Sua imagem e semelhança, receptora de sua graça e tabernáculo de sua bem-aventurança. Nesse sentido, então, o homem, olhando para seu próximo, vê o caminho para Deus. Todas as criaturas falam da presença de Deus, de sua obra, que traz Sua marca: “Deus disse e isso aconteceu” (Gn 1,3-7 ss).

A criação é como um grande ‘livro’, *o livro das criaturas (cf. 20602)*, um livro que o homem pode ler com muitas dificuldades, por causa do pecado; com efeito... *“antes do pecado, o livro que o homem devia ler para chegar ao seu Senhor eram as criaturas e este livro tinha as letras bonitas, firmes, arredondadas e claras. Depois do pecado, as letras desse livro acabaram pegando alguma imperfeição e ficaram menos claras do que antes; é verdade que não se apagaram, mas envelheceram e se tornaram quase invisíveis” (20602).* Logo, a criação se caracteriza pela ambiguidade, na medida em que as criaturas, de um lado, nos ajudam a alcançar a Deus, enquanto, por outro lado, O encobrem, podendo nos separar Dele. Assim, pensamos que seja esse o caminho mais difícil e incerto para Deus.

Nota: Essas ideias são extraídas da tradição, especialmente de São To-

más de Aquino: “Sermão sobre o 2º Domingo do Advento” (Opera omnia, Vol. 29, Paris 1876, pp. 194-195).

b. Revelação

Devido a esse ‘véu na criação, Deus intervém uma segunda vez na história da humanidade ..., *mas a generosidade de Deus não olha para nossa malícia; assim, vendo que o homem estava tendo tanta dificuldade para ler esse livro, entendendo uma coisa por outra ou de modo diferente do que fora feito por Deus, o que Ele fez? Fez outro livro, ou seja, o livro das Escrituras, “no qual não só corrigiu o primeiro, como colocou nele tudo de bom que havia nas criaturas; ensinou o caminho da perfeição a partir da imperfeição e, ao aceitar as coisas necessárias, eliminou as supérfluas.”* (20603). *É justamente por isso, que lemos, na Bíblia, a respeito dos grandes valores dos patriarcas, dos profetas e de muitos homens santos que existiram desde o começo do mundo até chegarmos a Cristo, para que os imitássemos*” (20605).

Temos, portanto, uma dupla revelação de Deus ao homem. Uma revelação cósmica e outra bíblica, ambas importantes e necessárias para levarem e dirigirem o coração do homem para Deus.

c. Redenção

A última e decisiva palavra de Deus, que permite ao homem conhecê-Lo de forma clara e definitiva, foi dita através da Encarnação. Na Palavra feita carne, o Criador se torna uma criatura, o Infinito entra no mundo finito, o eterno entra na história para conduzir o homem a Deus, para ensinar o caminho e lhe dar a luz (cf, 20606).

A Encarnação reestabelece a aliança entre Deus e o homem, assim restaurando a humanidade ferida. A reconciliação entre Deus e o homem não pode ser feita através de um homem pecador, porque o pecado faz desse homem um inimigo de Deus. Nem mesmo através de um anjo, porque, embora sem pecado, um anjo não pode se tornar um homem.

Assim, Deus não encontrou qualquer outro caminho para se aproximar do homem, a não ser o de se tornar homem. Além disso, *“através de quem o homem (Adão) pecou? Através de Eva, sua mulher! Do mesmo modo, através da mulher, isto é, da Virgem Mãe Imaculada, Nossa Senhora a Virgem Maria, Deus quis libertar o mundo”* (20421). A Virgem Maria é, pois, o instrumento puro, escolhido para se tornar lugar privilegiado da Encarnação. Nela a criatura e Deus se encontram, Jesus Cristo, nosso mediador, homem verdadeiro e Deus. Além disso, através DEle, o plano da salvação se realiza: seu momento mais sublime é na cruz, o mistério da Paixão e Morte, porque o próprio Deus *“fez a Virgem Maria dar à luz e fez Jesus, seu Filho, morrer”* (20101). No entanto, a redenção se cumpre através da ressurreição, o elemento essencial do Mistério Pascal, o único a dar sentido ao destino do homem. Nota: Se o fundador não entendesse o Crucificado como dimensão essencial do Mistério Pascal, todas as seguintes afirmações perderiam o sentido: *‘falar e conversar com o Crucificado’* (10306); *aprender dEle o que ensinamos aos outros* (10301); *o Crucificado é um ser vivo que trabalha conosco para nossa santificação e nos impele a agir com energia* (10602, 11011, 11106).

d. O Trabalho do Espírito

Cristo, voltando para o Pai, realizou a condição necessária para enviar o Espírito (cf. 20608), de modo que esse pudesse agir na história, tornando-a um caminho adequado para Deus. Além disso, através do Espírito, a vida de Cristo prossegue naqueles que creem Nele. No Espírito está a base para a experiência pessoal e comunitária, herança da tradição da igreja: a forte e corajosa pregação dos apóstolos; o amor ardente dos mártires; a clara e luminosa fé dos confessores; a firmeza das virgens e dos celibatários; e o exemplo dos santos.

Agora entendemos as exortações do Fundador aos homens de seu tempo, um tempo de reformas promissoras, mas que necessitava de um forte compromisso para manter os que tinham fé conectados aos

dons de Deus. Antonio Maria Zaccaria, diante das provas da amável presença de Deus, ressalta que seria mera cegueira não reconhecer que somos feitos para nos dirigirmos a Deus, lembrando-nos, com força, do perigo de se enfraquecer a vontade de ir para Deus, acabando-se por tomar um caminho diferente daquele estabelecido por Deus. Requeria grande esforço e forte fidelidade de modo a receber os dons dados por Deus. Antonio Maria dizia que aquele perigo está sempre presente de forma sutil e sedutora, por causa da ambiguidade da criação.

2. “Caminho da negação”

Um caminho paralelo, igualmente necessário, é o caminho da negação. Os dois caminhos têm demandas opostas. O “caminho da afirmação” requer a imersão na criação, enquanto o “Caminho da negação” requer o separar-se da criação. Nisso, Antonio Maria segue a tradição. No nível teológico, diz que Deus está muito mais naquilo que negamos do que no que afirmamos. Usa expressões tais como: “*Deus não é isso nem aquilo... Deus não é um bem particular que acaba... Deus não é uma única perfeição...*” (20610). (Essas expressões são prudentes, quando comparadas às dos chamados teólogos apofáticos, muito mais radicais).

Deus é absoluto; o infinito; o onipotente; a encarnação e a transcendência; divindade e humanidade – pura divindade constitui dois aspectos do mesmo mistério de Deus.

3. “Caminho da Analogia”

Entre os dois caminhos de que falamos existe uma tensão irreconciliável. Pode-se pensar se não existiria uma forma de reuni-los. Essa possibilidade existe (embora a tensão esteja sempre presente nesse mundo). Há um terceiro caminho: o “caminho da analogia”, assim descrito pelo Fundador: “*Deus não é isso nem aquilo, mas é algo mais excelente. Deus não é prudente, mas a própria prudência; Deus não é um bem particular que acaba, mas um bem universal e infinito; Deus não*

é uma única perfeição, mas a perfeição toda, sem nenhuma imperfeição. Nele, tudo é bom, tudo é sábio, tudo é onipotente, tudo é perfeito” (20610).

Esse caminho diz algo sobre Deus por causa da semelhança entre a perfeição de Deus e a perfeição das criaturas, mas sua realização em Deus e nas criaturas é essencialmente diferente, sendo desconhecida para nós. Daí porque a humanidade não deve ser identificada como Deus, porque Deus é sempre algo diverso da criação.

B. “Caminho para Deus”: Uma Leitura Moral e Espiritual”

O raciocínio do Fundador se torna mais intenso e apaixonado quando ele lida com consequências morais e espirituais. Ainda que no nível prático, encontramos os três caminhos já discutidos no nível teológico. Aqui também podemos falar em três caminhos:

1. “Caminho das Criaturas”

A criatura pode levar a Deus, diz o Fundador, através do uso que dela fazemos. Nesse caminho, pode-se observar:

- A utilização de criaturas sensíveis e da natureza em geral se faz para o progresso do homem, mas esse é advertido da consciência de seus limites. Antes de tudo, deve reconhecer que não é o mestre, mas apenas o beneficiário. Deve ter o senso comum de dizer que os céus, os animais, as plantas e tudo o mais que pertence à terra chega a ele pela Bondade Divina (cf. 20301).

- O próprio homem, espelho da beleza divina pelo que é, também é um espelho da generosidade divina pelo que faz, porque, conforme suas capacidades, imita a obra de Deus (cf. 20301). Assim, a ação do homem na história faz da humanidade companheira de trabalho de Deus. Apesar das aparentes contradições, a história, então, se torna um caminho para Deus.

Mas, as Escrituras advertem o homem a prestar atenção e não

tropeçar, porque dizem que Deus fez as criaturas para serem uma armadilha para os pés dos insensatos (Sb 14,11) (cf. 20609).

2. “Caminho da Separação”

Essa realidade em que o homem deve viver é uma mistura de luz e escuridão, bem e mal.

É necessário, pois, distinguir nas criaturas o que pode se tornar um obstáculo: “*O que é bom nas criaturas? É a sua perfeição; má é a imperfeição. Por isso, agarre-se à perfeição das criaturas e afaste-se da imperfeição delas*” (20609). E mais: as criaturas, corrompidas pelo pecado precisam de purificação, conversão, reforma e renovação.

O Fundador utiliza expressões fortes e radicais, como: “*Caríssimo, se você quer observar o Mandamento de Cristo que diz: ‘sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu’ (Mt.5,48), é necessário que você pegue aquele caminho que leva ao conhecimento de Deus (isto é, o caminho da remoção e da separação) e assim, seguindo esse caminho, você será perfeito, separando-se de todas as criaturas, de você mesmo e de todo defeito*” (20610). É uma exigência que diz respeito a todas as criaturas, por causa da diferença entre o finito e o infinito, entre a escuridão e a luz, entre a instabilidade e a firmeza, entre as criaturas e o Criador. É uma escolha: ou Deus ou as criaturas. “*Como seria possível ao homem amar duas coisas opostas? É claro que é impossível! Por isso, é necessário que o homem chegue ao amor de Deus afastando-se de todas as criaturas*” (20611).

Para realizar essa separação, o Fundador utiliza uma série de exemplos extraídos das Escrituras: ou o Egito ou a terra prometida (Ex.16:3-35); ou a esposa, o gado, o campo, ou o convite para a festa de casamento (Lc.14:15-24); ou a presença de Cristo ou o envio do Espírito Santo (Jo,16:7) (cf. 20612). “*De modo que, se as coisas sensíveis, feitas e criadas por Deus e que estão fora de você, o impedissem de chegar a Deus, pense antes no que você deve fazer, porque, conforme diz São João Crisóstomo, ‘ninguém quer fazer o mal a si mesmo’.* Se as

coisas boas e espirituais, muitíssimas vezes o afastam de Deus, pense o que acontecerá no caso dos vícios e dos maus hábitos que você tem!” (20613-14).

Mas, o argumento fundamental é dado pelo exemplo de Cristo: *“E para você ficar livre de todo e qualquer peso, Cristo o convida com estas palavras: ‘venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso de seu fardo e eu lhes darei descanso’ (Mt.11,28). E Ele mesmo já lhe fez este convite, quando deu o exemplo, renunciando a todos os bens terrenos, abraçando as desonras, renunciando às consoações espirituais e temporais e aceitando toda desolação e abandono não somente por parte dos homens, mas também do Pai (Mt.27,46) e isso só para a nossa utilidade! E se Ele foi por este caminho, por que nós vamos ainda pensar que é possível ir por outro?”* (20615). E conclui o Fundador: *“Por isso, livre-se de tudo para possuir a Deus que é tudo!”* (20614).

Esse caminho parece impraticável pela dureza e pelo compromisso que pede. É assim para aqueles que não se movem pelo amor. *“Caríssimo, quem poderia passar por tantos perigos, cansaços, preocupações, desgostos, sem o alicerce do amor? Qual seria aquele peregrino que poderia caminhar, rápido e prudente, por um caminho tão estreito e difícil, sem ter nenhuma satisfação? Qual seria aquele amante tão louco que seria capaz de abandonar a sua amada, se não arranjasse outro amor? Nós, pois, embriagados pelas coisas visíveis e sempre presentes e, mais ainda, necessárias, como poderíamos deixar de amá-las, se outro amor mais forte não nos arrastasse? Não é possível! Muito ao contrário, o não gostar de uma coisa nasce do amor por outra: o não gostar das coisas terrestres nasce do amor das coisas do céu!”* (20414)

O caminho da separação surge como o caminho direto para o céu, permitindo-nos receber os frutos e usar as criaturas sem amá-las (cf. 20616). Do que foi dito parece que estamos diante de uma antropologia dualística, como se o progresso espiritual dependesse da liberta-

ção do aspecto material do mundo. Mas, devemos lembrar que “ódio” é uma palavra paradoxal. Encontramos no Evangelho (Lc 14,26) a ênfase na necessidade de um efetivo desapego total e imediato de tudo, condição sine qua non de um autêntico desapego material, para seguir Cristo sem desprezar as criaturas.

Como se pode ver, mesmo do ponto de vista moral e espiritual, é necessário reconciliar os dois caminhos. Isso é feito pelo Fundador no Sermão 5 sobre as paixões.

3. “Caminho do Meio ou o Caminho da Indiferença”

Sustentando o aspecto positivo das paixões, porque queridas por Deus, e sua indiferença moral, porque submetidas à vontade do homem, diz o Fundador: *“O homem tem tanto poder que, com a liberdade, pode fazer que o mal se torne um bem para si mesmo. É isso que Paulo disse: ‘... todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus...’ (Rm 8,28); o mesmo Paulo disse que devemos seguir o caminho do equilíbrio e a sentença do Sábio diz que não nos devemos desviar nem para a direita, nem para a esquerda (Pr 4,27); Paulo disse mais ainda: ‘... em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: ... pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça’ (2Cor 6,4-7). Quer saber mais? O homem pode tirar lições dos males cometidos ou dos bens que ele deixou de fazer: uma delas é um profundo conhecimento da sua pequenez e miséria, pela qual não se julga digno de viver e, ainda menos, de fazer coisa que seja agradável a Deus; dessa pequena estima de si mesmo, nasce uma profunda humildade; quem tem essa virtude sabe muito bem o quanto ela é útil e necessária!” (20517-18).*

O Fundador ilustra essa linha de pensamento com Santo Antão o Abade e São Paulo de Tebas, os primeiros eremitas, que experimentaram um florescente crescimento espiritual, embora iniciassem suas experiências espirituais a partir de situações opostas.

- Antão refugiou-se no deserto com alguns monges, porque era admira-

do pelos homens, sendo notoriamente tido como santo.

- Paulo de Tebas, ao contrário, teve que se refugiar por ser perseguido pelos homens, mas, afinal, aceitou voluntariamente o que teve de escolher por necessidade: a vida solitária.

Para ambos, no entanto, o deserto se tornou o lugar privilegiado para a perfeição, não só a sua própria, mas também a de outros (cf. **20519**), exercendo a humildade e seguindo o caminho do meio, ou seja, o caminho da indiferença. O Fundador fala dessa forma, embora não explicitamente, no Sermão 6, citando 2 Cor 6-8, “*tidos como impostores e, no entanto, dizendo a verdade*” (**20614**). Na realidade, a palavra ‘meio’ não está presente na carta de São Paulo. Por que, então, o Fundador a atribuiria ao Apóstolo? Evidentemente, estamos diante de uma interpretação espiritual, a fazer ver a situação alternativa que o cristão deve viver, para ser honrado ou desonrado.

O que escolher? Qual o caminho mais útil para alcançar o fim desejado? A resposta não é senão o caminho do meio entre duas realidades. Nesse sentido, entendemos a exortação: “*Vá livre para Deus e não se agarre e coisa alguma*” (**20614**). É uma exortação para exercitar a liberdade própria do cristão, que, diante da realidade absoluta de Deus, está consciente do valor relativo do resto, assim empregando todas as suas energias de modo a alcançar seu fim. Para resumir, penso que o melhor caminho é: o caminho do meio ou o Caminho da Indiferença.

Os caminhos que acabamos de descrever não passam de itinerários possíveis para chegar ao caminho único para Deus (identificável), a partir do ponto de vista da Teologia e do ponto de vista espiritual e moral. Poderíamos parar por aqui, mas Antonio Maria nos pede mais um passo decisivo, que nos levará a ver a unidade daqueles caminhos em outro itinerário que ele chamou de “*o caminho da Cruz*”.

C. “Caminho para Deus, Caminho de Cruz”

Com efeito, a cruz é o lugar de expressão suprema da vontade salvadora de Deus no Cristo Crucificado. Com efeito, Deus libertou o

homem da escravidão do pecado (nesse caminho somos introduzidos ao mistério da Cruz tão caro a Paulo e ao Fundador). Vale esclarecer que Antonio Maria não elabora uma teoria sobre esse tema de um ponto de vista teológico. Ele conhece a discussão escolástica sobre porque Deus se tornou homem:

- sobre a necessidade ou, pelo menos, a conveniência da Encarnação e Morte de Jesus para nossa Redenção.

- sobre a possibilidade através do anjo ou através de um santo para operar a salvação (cf. 20412) (Mas, ele não se detém nessa questão). Além disso, fala sobre a teoria da “Expição” somente duas vezes e de forma breve.

- Deus enviou seu Filho à semelhança de um servo para a salvação do homem e entrega-O a uma morte cruel no lugar do homem (Rm 8,32) (cf. 20502).

- Deu seu Filho como um servo, um prêmio, na morte (cf. 20105).

Mas, ele diz isso somente para provar que o amor do Pai nada pode nos negar: “Deus não deixa faltar-lhe a sua bondade, porque tendo-nos dado seu Filho, de que jeito não nos daria tudo junto com Ele? (Rm 8,32). Então a Cruz se torna a suprema celebração do amor de Jesus ao Pai (obediente). A morte de Jesus na cruz, mais do que restaurar a justiça ofendida, muda o homem através do amor, enquanto o ilumina, lhe aponta a direção e o sustenta.” (cf. Sermão 4). Portanto, o centro e o auge da vida do crente é Jesus como um Deus Crucificado, sem qualquer idealização, por mais brutal que isso parecesse para seus contemporâneos.

Há um enfoque da cruz no nível afetivo, mais do que como um tema teológico a satisfazer a mente. Isso é visível, antes de tudo, em suas cartas (Cartas 4,5,7,11): “*Pronto! É só andar pelo caminho da cruz, que nos ensina a distinguir entre qualidade e defeito, ou se devemos ou não fazer uma coisa. Ah! Quer saber? Chega de conversa e mãos à obra!*” (10402). A Cruz, pois, com tudo que significa (falência, perseguição, sofrimento, doença e morte), se torna uma pesquisa

positiva para o cristão, que se identifica com a morte de Cristo. Nesse sentido, o Fundador entendeu “quão rapidamente se aprende Teologia, lendo-se o livro da Cruz de Cristo” (Battista de Crema: Filosofia Divina, Veneza 1544), ou seja, “*Ela se tornará o livro que, posto em prática juntamente com a memória da cruz de Cristo, os levará a uma grande perfeição*” (11109).

Conseqüentemente:

- ‘seguir o caminho da Cruz’ é sinônimo de vida cristã. “*Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele*” (11106). Isso é possível porque “*gastando-me pelo próximo, o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor*” (11204), isto é, verdade e graça, a mentalidade da fé e o fervor da vontade, indispensáveis para seguir o Evangelho.

- a santidade consiste, portanto, na verdadeira imitação do Cristo Crucificado (cf. 30803), porque o fim é alcançar a perfeita caridade pelo caminho da Cruz (cf. 20410-14): “... *você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado*” (cf. 10316) “...*você carregou a cruz e nós descansamos demais!*” (10711). São expressões a indicar o único modo de ser sério e evitar ilusões.

- se poucos alcançam a santidade, a razão é bastante simples: “*porque são pouquíssimos os que querem realmente carregar a Cruz de Cristo e aceitar os insultos*” (31826). O discípulo, se quiser verdadeiramente sê-lo, deve imitar ativamente o amor sofrido de Cristo. Essa intenção se concretiza pela aceitação da Cruz que o testa e purifica – a Cruz passiva (cf. 11109); ou contrastando pessoalmente as tendências espontâneas (ainda que não sejam pecadoras), o que significa se preparar para o momento do teste – Cruz ativa (cf. 11105). Além disso, a própria forma da Cruz parece expressar a tensão que acompanha o homem em seu caminho para Deus. Temos algumas indicações ou sugestões significativas:

- ... um verdadeiro caminho por meio da cruz nos ajuda a compreender o essencial para nos determos no ‘centro’ e não nas consequências, negativas ou positivas, devidas à escolha da cruz (cf. 10402);

- ... o ponto de encontro entre a dimensão vertical e a horizontal, entre o “caminho das criaturas” e “o caminho da separação”; mas, mais do que isso, o ponto onde se encontram o amor a Deus e o amor ao próximo; a inevitável tensão que pode surgir, o sinal do sofrimento próprio de nossa vida aqui e agora, em nossa história;

... ‘o livro da doce memória’ de Cristo (cf. 10306.10.16), o resumo dos dois outros livros, ‘o livro das criaturas’ e ‘o livro das Escrituras’. Lendo e praticando o que ali está escrito, o cristão pode atingir a total perfeição (cf. 10311-12).

Como podemos verificar nos Escritos do Fundador dos Barnabitas, das Angélicas e dos Leigos de São Paulo, mais do que uma “theologia Crucis” (teologia da Cruz), há uma “Sapientia Crucis” (sabedoria da Cruz), a sabedoria que animou sua vida e enriqueceu a de seus discípulos, assim se tornando um verdadeiro programa de vida.

Podemos concluir, então, que ‘o Caminho de Cruz’ é, sem qualquer dúvida, o caminho necessário e obrigatório para o cristão. É um caminho íngreme e exigente, que requer esforços de nossa vontade. Não há nenhum outro caminho, pois esse é o que o próprio Deus escolheu e utilizou para encontrar o homem e atraí-lo para Si. “O caminho da cruz” é, portanto, o caminho para Deus. Reconhecendo esse generoso ato supremo da bondade divina, o cristão e a humanidade em geral hão de acolher seu real destino: “*o homem foi criado e colocado neste mundo só para chegar até Deus*” (20601).

CONDIÇÕES PARA A SANTIDADE

‘Verdadeira’ Vida Espiritual

A profunda convicção de Antonio Maria é a de que, para alcançar o fim a que se destina, o homem deve explorar seu talento mais precioso – o espírito (cf. **Sermão 2**).

Indubitavelmente essa intuição foi seu momento de graça, estabelecendo seu destino humano e eterno e inculcando-o em toda a sua existência, o que o levou a abandonar quaisquer carreiras humanas e mundanas para se entregar à vida espiritual, compartilhando-a com seus discípulos. Claramente os fez ver que é necessário que os verdadeiros adoradores de Deus o sejam em espírito e verdade (1Cor 6,17) e que é preciso ter o mesmo espírito que ele (Jo.4:24).

Portanto, a ‘verdadeira vida espiritual consiste nisso: *“que o homem esteja sempre voltado para Deus, não deseje coisa alguma, a não ser Deus, não se lembre de ninguém mais do que de Deus; que comece todas as suas ações invocando o nome do seu Senhor e a Ele se dirija (Cl.3,17). Isso quer dizer que... o homem de vida espiritual confia sua inteligência, sua vontade, sua memória, seus sentimentos e sua ação à bondade divina, todo seu ser é governado pelo Espírito de Deus, do mesmo jeito que a alma governa o corpo; e o Espírito Santo dá a todos o testemunho de que são filhos de Deus (Rm.8,16) e de que são um exemplo vivo de Cristo, ...”* (20201).

A. Deificação do Homem

Esse programa de vida espiritual é exigente, mas não impossível. Como os anjos não são impedidos de ver Deus, porque são apenas espirituais e não criaturas corpóreas, assim os homens, que são mais corpo do que espírito, mas porque *“o corpo corruptível torna pesada a alma e a tenda de terra oprime a mente pensativa” (Sb.9,15)”* (20202), os homens devem ficar atentos para não se ligarem ao mal. Com efeito, o espírito que se cola a Deus se torna mais simples e espiritual; do

momento em que experimenta as coisas espirituais, as carnis perdem o sabor e a alma sempre as lembrará (cf. 20202). O amor do Espírito não permite que o esqueçamos. Com efeito, gera um constante dinamismo na direção da perfeição, de tal modo que *“você não volte atrás e que não pare. Mas, tendo saboreado aquela doçura divina, cresça a cada dia, esquecendo o passado e se voltando para o futuro (Fl.3,13). É um alimento que, se alguém o come, quer mais ainda; e é uma bebida que quem experimentou, quer bebê-la de novo (Eclo.24,29): de uma certa maneira, mata a sede, mas a provoca também! Quem não saboreia esta delícia, não a entende e quem não a experimenta, ignora o efeito desse vinho”* (20206).

De um lado, a vida espiritual revela a profundidade da doçura do Pai e, de outro, nos embriaga de graças. *“Fique, então, com a minha conclusão: o Espírito sempre lhe sugere a lembrança de Deus, mesmo quando você está dormindo. Porque, se você dorme e seu coração está vigilante (Ct.3,4), você também exclama como a esposa do Cântico dos Cânticos: “Encontrei o amado da minha alma. Agarrei-o e não vou soltá-lo...” (Ct.3,4). Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!”* (20207). Para alcançar esse estado supremo, é preciso uma colaboração do homem com Deus.

1. O Homem todo está envolvido

A vida espiritual envolve o homem por inteiro, não apenas os três poderes clássicos da alma – mente (pensamentos), vontade (tendências) e memória (sua própria história), mas também os sentimentos e ações ‘colhidos’ e consagrados na generosidade divina (cf.20201). A vida espiritual unifica e disciplina o homem. A alma, então, se transfigura em Cristo e Cristo vive no homem: não é mais o homem que vive (cf. 20201). Em razão da vida espiritual, o homem se torna transparente para o divino. Assim o fazendo, torna-se um modelo vivo de Cristo, porque se torna uma criança de Deus, podendo se apresentar a todos, dizendo: sejam meus imitadores, exatamente como Paulo disse em re-

lação a si mesmo (**cf.20201**) (1 Cor.4;16 e Fil.3,17).

2. Experiência Trinitária

A moldura espiritual também é notavelmente trinitária, porque o Pai, o Filho e o Espírito operam no homem, que é o seu templo.

a. A iniciativa vem do Pai, que cuida do homem, chama-o e convida-o à comunhão com ele. *“E em relação a Deus, ainda mais, pois Ele se mostra tão amoroso, como filho, pai e mãe e sempre está com você; e se você se separa dele, Ele o procura, o chama e sempre o convida. Por causa disso, são poucos os que saborearam o amor de Deus e depois se afastaram dele. Se, por acaso, se afastaram desse Bem infinito, nunca, ou quase nunca voltaram a ele. Infelizes os que o abandonaram, felizes os que vivem mergulhados naquela doçura eterna!”* (**20205**).

b. O Filho é o modelo a ser imitado, mas é também quem quer que *“seus frutos se produzam em você”* (**11107**), isto é, nos discípulos de Zaccaria, assim os levando *“a tal grau de perfeição”* (**11010**) que possam se tornar um modelo para todos. Por essa razão, Cristo dará entusiasmo e fervor (**cf. 11204**), a verdade e a graça, indispensáveis para obedecer ao Evangelho e seguir ‘o caminho de Cruz’.

c. O papel do Espírito Santo fica evidente na Carta 5, de modo rico e transbordante. Foi escrita um dia antes de Pentecostes. Nela, o Espírito Santo é mostrado como aquele *“que ensina a justiça, a santidade, a perfeição”*, isto é, o professor, mestre e guia da vida espiritual: *“o Espírito Santo Paráclito. Ele não vai deixar vocês errarem, mas lhes ensinará todas as coisas e não as deixará esmorecer, ficando sempre com vocês e não as deixará carentes, dando-lhes todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz. Ele as ajudará a viverem uma vida de acordo com a de Cristo, imitando os grandes santos”* (**10504**). O Espírito nos introduz à plena Revelação (Jo 16,13). O Espírito ajuda a devoção do discípulo (**cf. 31240**). E, quando se chega ao discernimento da presença do próprio Espírito, pode-se considerar ter adquirido ‘o instinto do

Espírito’ e, seguindo-o, não se pode estar errado, porque “*o Espírito Santo chega logo ao mais íntimo das pessoas*” (102068; 1 Cor.2:10). O Espírito nos dá o pleno descanso da alma, o descanso mais profundo e mais radical daquêê que se fez crucificar por amor, dando “*uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz*” (10504). Nessa visão, o homem é levado pelo Espírito a desejar viver espiritualmente e ser uma autêntica testemunha de Cristo: “... *terei meu coração preparado para Deus. Que Deus, por sua graça, se digme permanecer em mim e fazer em mim o seu templo*” (20226). Além disso, a morada de Deus no homem o permite vê-lo como se estivessem face a face, podendo falar com Ele, conversar com Ele (cf. 20208); em outras palavras, o homem, “pode chamá-lo realmente de um Deus na terra” (20208).

B. Dinamismo Espiritual

Como São Paulo, Antonio Maria Zaccaria reconhece no homem uma dupla condição, a saber, “*o homem interior*” e “*o homem exterior*”, correspondendo às expressões paulinas ‘homem carnal’ e ‘homem espiritual’. Diz ser necessário proceder em direção a uma interiorização, de modo que o homem possa se tornar íntimo de Deus. A tensão para ‘o auge da perfeição e santidade’ lhe é dada pelo instinto do Espírito; assim, seguir em frente e não se deter para não regredir. Portanto: “*não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás*” (20623). Além disso, a grande quantidade de graças recebidas, de certa forma, nos compele a maior compromisso. Com efeito, “*todas as criaturas têm obrigação para com Deus, mas principalmente o homem, porque Deus o criou, o governa e o liberta dos contratemplos e perigos, conserva-o e lhe aumenta os dons, e quanto mais a criatura é importante e nobre, tanto maior é a sua obrigação de produzir mais frutos (Lc.12,48)*” (20308). Assim, se não houver progresso espiritual, não é culpa de Deus, mas do homem a quem falta um método bom e correto para expressar sua ‘*intenção boa e honesta*’ (cf. 31816) de viver

espiritualmente. É necessário, pois, adotar, um método bastante preciso que o Fundador chama de ‘continuidade e gradualidade’.

“*O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante. Ele não pode começar pelo segundo, deixando de lado o primeiro, pois as suas pernas são curtas demais e seus passos muito pequenos (cf. Sermão 2). É por isso que não poderá construir: você não fez os alicerces!*” (20114). Expondo os três passos clássicos da vida espiritual, Zaccaria resume-os nessa fórmula: **“o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus”** (20215). Ele evoca os passos tradicionais de purificar o coração, chegar a Deus e se unir a Ele.

1. Purificar o coração (“o homem deixa o exterior”)

Se, ao provar a vida espiritual, um homem vê que toda realidade humana perde seu sabor, começa a primeira parte de sua viagem espiritual, que é totalmente negativa: “*Se o homem deve chegar a Deus e conseguir o seu amor, é necessário que se liberte de todas as paixões*” (20423); pois a santificação significa a conversão a Deus: “*largar o homem velho*” (20322). Insistindo nisso, prossegue o Fundador: “*Caríssimo, cuide dos seus sentimentos e, principalmente, da sua língua*” (20213). Com efeito, os sentimentos são a ponte entre o homem e o mundo; e, sendo mundo, é um lugar de imperfeições (cf. 20609). Para sair desse fosso, o homem deve, a cada dia, eliminar os defeitos. Assim o fazendo, evita o risco de cair na tibieza (cf. 11104-05). Nossos próprios ídolos e nossos próprios obstáculos ao progresso em nossa vida espiritual são nossos “*defeitos grandes e graves*” (10502). O orgulho é a raiz de todos os pecados, o primeiro inimigo de Deus e o início da apostasia. Portanto: “*... não julgar ninguém, de forma alguma e por nenhum motivo, porque é Deus o único que pode fazer isso (1Cor.4,4)*” (31226). Sensualidade é procurar uma relação incorreta com os outros (e isso é muito mais evidente no relacionamento conjugal). Avareza

é se entregar de coração a coisas. Tibieza, o grande obstáculo para o progresso espiritual, representa preguiça na vida espiritual (cf. 20127 e 20617-23).

O Fundador exorta, assim, seus discípulos a seguirem um ascetismo forte e árduo, de modo a obterem a vitória sobre si mesmos, isto é, sobre seus próprios defeitos.

2. O fascínio do homem interior (o homem entra em seu próprio interior)

A vitória é obtida quando alguém consegue “não criar ... *nenhuma imaginação fantasiosa*” (31213), isto é, quando se elimina todo pensamento e conseqüente sentimento que inclina para o mal, ou simplesmente para o que não é Deus. “*Se o homem vive perturbado e cercado de barulhos externos, como estará o interior da sua casa? Lembre-se do que Cristo dizia: ‘quando você rezar, entre no seu quarto’ - isto é no seu coração – ‘feche a porta’ - isto é, os seus sentimentos – ‘e reze ao seu Pai ocultamente e o seu Pai, que vê o escondido, recompensará você’ (Mt.6,6)*” (20216). Nesse ponto, o homem já entrou no segundo estágio de sua vida espiritual; entra em seu interior e deve se esforçar para “*estar recolhido no ‘quarto’ do seu coração e daí não sair*” (30704). Em suas “Regras para os Noviços”, o Fundador dedica um breve capítulo à beleza e ao conhecimento do homem interior. Assim podem ser resumidos seus ensinamentos (cf. 31231-36):

- O homem interior não necessita menos alimento espiritual do que o homem exterior precisa de pão, devendo se nutrir, acima de tudo, nas Escrituras e nas leituras espirituais.

- Os ornamentos do homem interior, como os de um convidado de um casamento (necessário para ser bem-vindo ao banquete de Deus), são as oportunas virtudes.

- Os mecanismos secretos do homem interior são a saúde e a doença, a fraqueza e a força, a perfeição e a imperfeição. Precisam ser conhecidos para que saibamos se estamos ou não progredindo.

- O homem interior deve saber quem é seu interlocutor, Deus, ou melhor ainda, Cristo Crucificado.
- O homem interior deve ser capaz de discernir a voz de Deus, deve se enraizar em seus pensamentos e, sobretudo, deve dar as boas-vindas à voz harmoniosa do Espírito Santo que opera em seu coração.
- O homem interior deve aprender a se recolher, em casa ou fora dela em suas atividades externas. Um homem chega a esse ponto e exercita seu espírito quando pode se mover adequadamente em seu mundo interior com facilidade e *“como ficar recolhidos, tanto interiormente como exteriormente”* (31236), preparando-se para conhecer a Deus e estar unido a ele.

3. União com Deus (O homem se dirige ao conhecimento de Deus)

O conhecimento de Deus é, ao mesmo tempo, o objetivo e o dever de um homem espiritual. Também é um dom. Um dom de Deus a seus amigos e discípulos (cf. 10306). É um dever porque o homem deve se comprometer a conquistá-lo através do ‘exercício do espírito’, embora reconhecendo que isso é um dom. *‘O que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós’* (10308). Graça e trabalho agem para esse fim – a união com Deus.

No entanto, tal jornada espiritual se desenvolve através de uma série de paradoxos. Deve-se passar do ‘amor-próprio’ para o ódio de si. É somente no ‘vazio’ de si mesmo que ‘o tudo de Deus’ se faz presente. Isso nos permite alcançar ‘o puro amor de Deus’, experimentando, dessa forma, os efeitos desse vinho e da doçura que vem de Deus (cf. 20207). Deve-se amar ao próximo incondicionadamente porque o amor de Deus nos impele a buscar a perfeição absoluta do próximo sem descanso, conduzindo-o ao Crucificado e provocando nele os frutos da graça e da santidade, obtendo ‘a luz e o fervor’ que mantêm vivos ele e nós (Cartas 2, 5, 6, 11). O grau supremo de perfeição se realiza quando

o ódio a nós mesmos e o amor incondicional pelos irmãos “nos esvazia de modo radical”. Esse é o paradoxo supremo no caminho para Deus, ao qual somos conduzidos por Seu conhecimento e pela familiaridade com Ele, que é o ápice de toda perfeição.

Para o Fundador, a união com Deus se realiza naquela forma de vida espiritual – a ‘vida mista’, ou seja, a síntese entre a vida contemplativa e a vida ativa. No Fundador e em seus discípulos há a convicção da excelência e prioridade da ‘vida mista’, pois o maior modelo dessa é o próprio Cristo. Embora o Fundador não use claramente essa expressão canônica em seus Escritos, ele assim a sugere: as três partes da carta ao advogado Carlo Magni de Cremona (provável sucessor do Fundador como guia do grupo dos Amigos em Cremona) desenvolvem a ideia de união com Deus. “... *se até na distração, o homem se une a Deus, quanto mais nas outras situações e nos momentos de recolhimento?*” (10305). Nos *Ditos Notáveis* de Frei Battista de Crema (bem conhecidos do Fundador), há referência explícita à “vida mista”, bem como uma explicação do termo “distração, que encontramos na carta a Carlo Magni. “*A vida mista é maravilhosa, mas para quem abraça coisas opostas, a vida ativa usa a distração e a contemplativa a união. Ora, como encontrar a união distraída e a distração unida? É muito difícil possuir a vida mista, porque nela devemos unir a ativa e a contemplativa; não que uma confunda ou impeça a outra, mas uma faz a outra ficar mais perfeita, desde que ambas se coloquem em ação ao mesmo tempo*” (*Ditos Notáveis*, **Vida mista 6/7**).

Consequentemente, “*A vida mista ainda é imperfeita quando, numa hora serve a vida ativa e na outra a contemplativa, mas ela é boa e perfeita quando abraça as duas ao mesmo tempo na sua perfeição*” (*Ditos Notáveis*, **Vida mista 4**). A contemplação, portanto, precisa da ação (que já se constitui em serviço a Deus); mas, uma vez alcançada “*o contemplativo da vida mista ganha tanto na ação quanto na contemplação ...*” (*Ditos Notáveis*, **Contemplação 14**). Em todo caso, o fato de a contemplação ser resultado da “*graça e do esforço humano*”

nos lembra que “os dons gratuitos não são dados aos ingratos, porque apenas os fervorosos os podem ter” (*Ditos Notáveis*, **Vida mista 10**).

C. “O Exercício Espiritual”

Orescimento espiritual deve ser a principal preocupação – e uma preocupação quotidiana – daquele que inicia o caminho para a perfeição; daí a expressão “treinar o espírito”, pois “o treinamento dá à natureza o preparo que não tinha antes”.

Nota: Antonio Maria Zaccaria, durante seus estudos universitários, anotou essa expressão em uma coleção de definições filosóficas, mais tarde utilizadas para escrever seus sermões. O texto completo é: “*Exercitium legitur naturae hominis preparationem quae in ea non erat ante et non est remotum ut virtus scilicet moralis operetur in hoc et maxime castitas*”, que, em tradução livre, significa: O treinamento dá à natureza do homem o preparo que não existia antes, sendo de grande ajuda para exercitar a virtude moral. Isso foi tirado literalmente de Averrois. O Fundador tinha em mente esse texto, ao falar sobre a castidade. “*A castidade é de grande ajuda na aquisição da ciência*”.

Tudo isso podemos encontrar em uma carta a Bartolomeu Ferrari, um dos cofundadores: *Não se deixem desanimar pelas dificuldades que aparecerem na hora de falar ou de fazer qualquer outra coisa, porque, da mesma maneira que ir à escola acaba com a ignorância ou tal como o uso do ferro o torna mais brilhante, assim também acontece na prática da vida cristã. Paulo não foi, no começo, o que foi mais tarde e nem os outros!*” (**10603**). O exercício espiritual se faz a partir do que chamamos “práticas piedosas” ou “ascetismo”.

1. O Exercício Ascético

Antonio Maria Zaccaria praticou e pregou a renúncia afetiva e efetiva “*para perder tudo a fim de possuir ‘tudo’*; deixar tudo a fim de possuir Deus e, tendo Deus, possuir tudo nele”. Nesse sentido, entendemos como as mortificações públicas praticadas pelos primeiros Pau-

linos não humilhavam o ser humano, mas sim o ‘velho homem’ que se refugiava nas partes mais ocultas do coração. A ação deve ser radical, sem comprometimentos, diz o Fundador: “... *por acaso você pensa que o caminho certo que leva ao céu seja o possuir muitos bens? ... o que você pensa que é ser honrado? ... O que você acha que é viver em delícias?... O que você pensa que são os privilégios?*” (20413). Essas coisas privam o homem, tornando-o pobre e miserável, um amigo do mundo e inimigo de Deus.

a. O inimigo é visto pelo Fundador não somente nos “grandes defeitos” (já citados anteriormente), mas também em suas manifestações. Zaccaria traça um retrato completo dessas manifestações. Extrai-as do livro “Conhecimento e Vitória” de Battista de Crema: fornicação; preguiça; vanglória; superficialidade; superstição; mentiras; arrogância... (Cartas 9 e 11; Sermões I e 5). Se não se lutar contra esse inimigo, sua influência dar-se-á não sobre os indivíduos, mas também sobre a comunidade. Para ele, não basta dar motivos para a expulsão da Ordem.

b. A ascética significa: a luta contra o inimigo precisa do comprometimento pessoal, sustentando-se também com “*remédios e estímulos corporais*”, como com as paixões más. Claramente, pede-se ao religioso um comprometimento mais violento, optando-se pelos meios mais difíceis ao invés dos mais fáceis; assumindo atividades humildes e até mesmo humilhantes; escolhendo o que é útil para o próximo, ao invés do que é útil para si mesmo, de modo que o jejum, a vigilância e os demais exercícios ascéticos possam manter seu significado. O exame de consciência é “*interrogar cuidadosamente o seu coração*” (cf. 20110), a fim de descobrir os defeitos e, acima de tudo, “*o comandante*”, para “acabar com ele” e, ao mesmo tempo, dispersar os outros (cf. 10313). Mas, isso requer lealdade e simplicidade (cf. 11009). A correção fraterna é o meio concreto de lutar seriamente contra seus próprios defeitos, podendo ser praticada em dois níveis, individual ou comunitariamente. Nesse caso, o Fundador fala sobre os encontros diários (Conerências) da comunidade religiosa como o momento especial e privilegiado do

discernimento porque é quando revelamos nossos próprios defeitos espontaneamente (especialmente os mais visíveis), e aceitamos as penitências de tal forma que ‘as feridas do pecado sejam curadas com ferro e óleo’(cf. 30901-07).

c. O homem não pode percorrer esse caminho sozinho. Precisa de figuras significativas de referência para sua vida espiritual.

Em primeiro lugar e antes de tudo, o diretor espiritual. Sua tarefa é ajudar a discernir os defeitos e, com eles, ver as virtudes, de modo a aumentá-las. Para entender a importância dada pelo Fundador ao diretor de consciências, basta ressaltar que, para ele, o diretor espiritual é como um mediador cujo modelo é Cristo, que continuamente reza por nós (Hb 7,25). Por isso, diz Zaccaria: “... *Mais vale ter Deus com ira, que o próprio orientador espiritual; porque, se Deus está com ira, o orientador espiritual reza por você; mas, se o orientador espiritual estiver irado, quem rezará por você?*” (20420; João Clímaco, Escada do céu). Então “*tendo tempo e oportunidade para pedirmos orientação, vamos ao nosso orientador espiritual e, conforme o que ele disser, fazemos ou deixamos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer*” (10209). Finalmente, vale ressaltar que o Pai espiritual é uma figura fundamental não só para o religioso, mas também para os leigos. Pode ser um leigo, uma mulher leiga religiosa, ou um homem religioso ou um padre.

Em segundo lugar, está o superior, que tem o dever de “*procurar a caridade em proveito dos irmãos*” (31406), evitando leis punitivas, porque “*com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era*” (31820).

Finalmente, vêm os confrades, que devem ajudar uns aos outros a progredir, abraçando as tribulações e, “... *ninguém transgrida as ordens e, se alguém as transgredir, o outro as observe melhor ainda*” (10710).

d. Utilizando esses meios antes mencionados, superamos situações particulares que, por medo ou por não trazerem qualquer proveito, por

escrúpulos, indecisão ou tibieza, podem nos deixar pobres em virtude, escravos do vício e cheios de “*dúvidas e dificuldades, especialmente nos momentos das maiores incertezas*” (10303). Ao contrário, você pode alcançar um fervor santo e estável, “*que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor*” (10504) em todas as atividades, sejam espirituais ou temporais.

Desse contexto, podemos notar que a virtude requer um homem voluntário e consciencioso. Determinadas virtudes podem ser possuídas fazendo-se o contrário: “*Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas*” (31010). Consequentemente, a virtude por excelência, mãe de todas as virtudes, é a humildade. “A profunda humildade” é a condição sine qua non para viver o radicalismo evangélico no coração de alguém e nos corações de seus irmãos (cf. 31224). É o meio indispensável para aceitar, de forma equilibrada, o fato de que “*o Cristo Crucificado quer manifestar-se ao mundo através das injúrias*” (cf. 31811-13). É a condição para se trabalhar por uma autêntica reforma. Quem não é humilde, não pode ser um reformador (cf. 31811). Assim, o exercício ascético é um compromisso que envolve a todos, tanto indivíduos como comunidades, tendo a preocupação com o “*aperfeiçoamento de suas qualidades*” (11106). É o critério verdadeiro e autêntico da vida espiritual.

O ALIMENTO DO ESPÍRITO

O ascetismo é duro e sempre uma luta. Precisa ser sustentado por um alimento apropriado. O Fundador está particularmente atento a essa necessidade, indicando o alimento oportuno. Esse se faz de:

A. *Oração vocal* (ou oração exterior), que acontece de quatro formas.

1) É um diálogo amigável com o Senhor (sobre realidades espirituais e temporais).

2) É uma petição em que reivindicamos o que precisamos e gostaríamos de ter em maior quantidade, mas também o que Deus julgar mais conveniente para os amigos e a Igreja universal.

3) É uma súplica. Imploramos a misericórdia do Senhor através “do preço do sangue de Cristo e pela intercessão dos santos” e também por causa de Seu amor pela humanidade.

4) É uma oração de agradecimento. Reconhecemos que fomos atendidos antes mesmo de pedir e recebemos mais do que pedimos.

Essa oração vocal deve ser feita com “uma intenção honesta” (única base em que a oração pode ser desenvolvida e se tornar contínua e frutífera). Deve ser feita com “boa vontade” em relação às coisas de Deus, devendo ser experimentada de forma tal que sejamos levados a nos sentirmos sempre em oração e meditação. A oração vocal, no entanto, deve nos levar à oração mental, isto é, a meditação. De outro modo, será apenas uma satisfação exterior e uma forma hipócrita da verdadeira oração (cf. 31004-07 e 10302-11).

B. *Oração interior*, desenvolvida em três estágios:

1) Oração mental (meditação) é “*a comida, é o alimento dos que querem progredir*” (31001):

- É o momento mais importante do dia, trazendo paz para nós mesmos;
- É o momento capaz de adquirir as necessárias energias para enfrentar

as dificuldades cotidianas;

- É o tempo de dialogar intimamente com o Pai, que, diga-se de passagem, já conhece nossos pedidos;

- É o tempo de conhecer Sua vontade e descobrir os motivos estimulantes para viver as virtudes.

“A Oração e a Meditação trazem a luz... A Oração e a Meditação mantêm o homem forte diante de Deus e, por isso, ele sabe o que convém fazer ou deixar de fazer” (31815). No entanto, só se desenvolve em uma vida rica de interioridade (cf. 11101). Requer uma mente livre de qualquer *“imaginação fantasiosa” (31213)*, porque *“A mente pode ser comparada a uma roda d’água que não para de girar: se você colocar trigo nela, ela mói, se colocar joio ou outro grão ruim, ela mói também. Assim a sua mente: ela está sempre em movimento e, se você a alimentar com boas imagens e bons pensamentos, ela permanecerá neles, mas, se colocar nela só pensamentos maus, ela vai ficar parada neles” (20218).* *“Freiem a língua para evitarem falar o supérfluo ou até o necessário e, assim, vocês começarão a falar com Deus aquilo que diriam a um dos seus amigos?” (31008).* *“Vocês dirão: Em que se pode expandir a mente com a oração?”. Eu respondo: na admirável grandeza das criaturas? na sua beleza de muitas e variadas formas? na grande providência de Deus? na doce paixão de Cristo? e em inúmeras coisas que existem e que não faltam às mentes que querem exercitar-se” (31011).* Tudo isso pode levar a pessoa à concentração, ao recolhimento e à devoção.

2) Oração afetiva, estritamente ligada à oração mental, pois a oração envolve mente e coração. Isso é ressaltado pelo Fundador nos conselhos dados ao Mestre de Noviços. *“Ensine, ainda, aos Noviços a se deleitarem na Oração e no exercício mental da Meditação, como já falamos antes (cf. Capítulo 10) e lhes assegure de que não farão nenhum progresso se não sentirem um grande prazer nessa forma de Oração. Pois, como alguém poderá arrancar e desenraizar todos os outros afetos, se a oração não impregnar o coração de afetos? ... Ensinem-lhes a*

orarem com fervor, porque o demônio costuma emporcalhar as orações sonolentas, tal como fazem as moscas com a comida fria, razão pela qual tais orações cheiram mal diante de Deus” (31212.15). O mesmo conselho é dado quando ele diz “... *pense e reflita como Deus o ajudou de modo intenso nas várias fases da sua vida: naquela vez, está lembrado? E naquela outra?*” (20307), de modo que você chegue a “falar com Cristo” como se fala com um amigo (cf. 10306).

3) Contemplação: é o ápice da oração interior. É como um mergulho profundo nas fontes do silêncio de nossas faculdades, no mais profundo e invulnerável centro do espírito. É pura receptividade a dar as boas-vindas ao amor manifestado em nós e que nos é dado. “*Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!*” (20207). A contemplação não é o desencarnar que vem da meditação, que aceita a verdade da fé e, através de uma exploração discursiva, a dirige para a vida. É a maturidade espiritual; somente aqueles que purificaram seu coração e a essa aderiram com suas mentes podem experimentá-la, de modo a se dirigirem para Deus. Caso contrário, é impossível entender seja a meditação, seja a contemplação (cf. 20313-16).

A prática da oração vocal e da oração interior, de acordo com o Fundador, deve conduzir à oração contínua. Tudo isso requer constância e tempo (o Fundador pede, pelo menos, duas horas por dia), como uma influência contínua na vida (cf. 31013). Outras ajudas convenientes são a *Lectio Divina*, o ofício divino recitado em conjunto nas mesmas horas da tradição monástica (cf. 30101), a partilha frequente do pão da vida e da Palavra de Deus, oferecendo “... *sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus, do seu interior: unindo-o a Deus; o maior de todos: a Santíssima Eucaristia. Não é de se admirar que o homem tenha fracassado e se tenha tornado medíocre: é que deixou de participar desse Sacramento... Caríssimo, não deixe de comungar: não existe mais nada que o possa santificar, pois aí está o Santo dos santos*” (20325). Outra ajuda é seguir a necessária e frequente confissão (confissão sacramental), acompanhada pela contrição interior do

coração (cf. 31301).

Finalmente, o exercício ascético e as práticas de devoção ajudam-se mutuamente, pois o itinerário espiritual provoca uma revisão geral da vida. Mas, ao mesmo tempo, para que sejam proveitosos, precisam ser exercitados sob a orientação do diretor espiritual de modo a adquirirem as disposições corretas em relações amigáveis com Cristo e, então, a união com Deus. *“Observando tudo isso, você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado. Mas, comportando-se de modo diferente, você ficará bem longe: e é isso que eu não quero ver em você, porque o considero muito como irmão em Cristo”* (10316).

Desse modo, o homem espiritual pode devolver ao Senhor o que recebeu, aumentando o talento que lhe foi dado. Esse é seu dever. *“Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros, porque o tamanho da perfeição é infinito”* (31821).

Devemos concluir que a ‘verdadeira’ vida espiritual não é opcional. Quem não estiver determinado, decidindo por ela, ou quem apenas pareça abraçá-la (como fazem os homens espirituais dos tempos modernos, contra os quais o Fundador lutou vigorosamente), escolhe o oposto (cf. 20201-02). Segue-se que o verdadeiro discípulo deve dizer para si mesmo: *“quero viver como homem espiritual, quero tornar-me um mesmo espírito com Deus (1Cor.6,17), quero que a minha pátria seja o céu; quero ter Deus sempre no meu coração. Sei que posso, é difícil, mas eu posso! Eu quero por freios na minha língua!”* (20226).

PROGRESSO ESPIRITUAL

“*Um grande fervor*” (cf. 20616) deve contribuir para o progresso espiritual. Esse fervor é fruto da ‘*verdadeira devoção*’, destinando-se a destruir o maior obstáculo à vida espiritual.

A- Fervor: ponto de partida para alcançar a perfeição

O Fundador fala sobre o fervor nos conselhos para a instrução dos noviços (31236-43), em que enfatiza que Deus, por razões pedagógicas, pode retirar o fervor e deixar o noviço na aridez, de modo que ele possa reconhecer o fervor como um dom de Deus, tornando-se humilde e consciente de ser um pecador, a fim de entender a necessidade de adquirir compreensão e discrição, ou seja, a capacidade de discernir seu próprio espírito. O noviço deve se comprometer a evitar distrações e qualquer outra causa de mal. Deve adquirir um equilíbrio que permita ir além dos humores do momento.

Portanto, quem possui o verdadeiro espírito e fervor faz progressos, especialmente durante os momentos de aridez, porque Deus está mais próximo daqueles que se encontram em tal situação com uma presença mais verdadeira e mais amorosa do que daqueles que estão confortáveis, cujo único propósito é buscar uma doçura exterior. O progresso requer “*propósitos renovados, firmes e frequentes e, mais ainda, com esforços violentos ou corporais*” (31243). Além disso, deve ser objeto da revisão comunitária na reunião para descobrir suas causas, seus efeitos e aonde quer chegar (cf. 30902).

B- Tibieza: A maior inimiga do fervor

“*Mas, ai de você! Pois a tibieza e a negligência o impedem de agir dessa maneira... É por isso que você deverá afastar-se da tibieza e da negligência no seu caminho para Deus!*” (20620). Entre a tibieza e o fervor há um antagonismo duradouro e incurável, a exigir uma intervenção radical para erradicar a “*erva daninha*” – a tibieza (cf. 10203) – que produz danos profundos ao coração. Da forma como fala e de

suas próprias palavras, verifica-se que o Fundador a experimentou pessoalmente. Com efeito, em carta a seu diretor espiritual, Frei Batista de Crema, reconhece em si mesmo uma espécie de “*falta de sensibilidade*”, uma perigosa superficialidade e negligência, que constituem um obstáculo a seu progresso espiritual (cf. **10106.08**). Na carta aos cofundadores, se queixa da própria indecisão que aflige sua alma, como causa de “*uma negligência tão grave e uma demora tão grande na hora de agir*” (**10212**).

No entanto, reagia, desejando cumprir a vontade de Deus, “*custe o que custar, mesmo contrariado*” (**10102**). Tudo isso pelo exemplo de Cristo, que “*... assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte (Fl.2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer (Hb.12,2)*” (**10214**). Essa polêmica luta contra a tibieza é um aspecto constante na vida do Fundador. Com efeito, sua vida apostólica começa com o sermão sobre a tibieza (Sermão 6) e a carta aos Omodei (Carta 11), escrita pouco antes de sua morte. Está centrada nesse tema: “*E já que os confiei ao Cristo, desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza*” (**11101**). *Esse defeito surge quando alguém diz não ser necessário fazer tão bem, ou quando algumas coisas são exigidas e outras são opcionais, supérfluas, desnecessárias (cf. 20620). Quando alguém diz se eu não cometer pecados graves, mesmo cometendo pecados veniais, então não preciso da misericórdia de Deus: “... O tÍbio - ou seja, o fariseu - age assim: ao se converter, abandona os pecados maiores, mas não se preocupa com os menores, ou melhor, não sente nenhum remorso por causa deles. Por exemplo, ... sabe controlar a sua sensualidade, mas se diverte com conversas mundanas e coisas parecidas; ... deixa as coisas inconvenientes, mas quer todas as convenientes ... E assim, quer o bem, mas só em parte: controla-se em parte, mas não quer se controlar no todo: não digo que isso aconteça de uma vez só, mas também não demora muito a aparecer*” (**11103**). Vendo as dificuldades do início, deixa-se vencer pela dúvida de ser capaz de perseverar, assim caindo

em desespero. A tibieza, no entanto, não só é o principal obstáculo para a vida espiritual de uma pessoa, mas é também a ruína da própria vida religiosa (cf. 31608).

C- *Conversio morum: mudança de hábitos*

A tibieza afeta a vida religiosa em seus aspectos característicos, os votos, a vida comunitária, o ascetismo e a oração. O Fundador ressalta quatro sinais que manifestam a degeneração da vida consagrada:

1. A obediência se corrompe (o sinal é a multiplicação de preceitos e normas);
2. A pobreza se arruína (o sinal é a avidez);
3. A castidade se obscurece (o sinal é a gula);
4. A redução geral no cuidado com os deveres de cada um, dos Superiores a outros religiosos (adulação, bajulação, encontros comunitários estéreis, vida litúrgica fora do hábito, etc.).

A reforma deve ser realizada assim que a situação se torna clara, sendo possível se existir um reformador ousado e corajoso, capaz de ver o mal e agir com prudência, discrição, perseverança e constância. Deve ter um grande coração e uma grande alma para superar dificuldades, ser compassivo, tolerante e afável, com boas e corretas intenções, orante, divina e santamente – isto é, com o dom de uma dimensão cristã, sustentada pela glória divina, pois “*os santos promovem sedições, porém amando*” (31703). É preciso que existam companheiros aptos, escolhidos com cuidado, para levar a reforma até o fim, embora seja necessário não se decepcionar, pois muito poucos estão prontos para carregar a cruz de Cristo. Em todo caso, as melhores vocações são as que vêm “*através da seriedade de vida e da sã doutrina de quem os chamar*” E conclui o Fundador: “*Irmãos, temos procurado levar ao seu conhecimento essas poucas coisas. Se vocês as souberem observar e cumprir com as mãos, esperamos que os conduzam à perfeição, ensinando-lhes, acima de tudo, a fugir da tibieza*” (31829).

CONCLUSÃO

Estamos diante de um caminho espiritual e uma busca por santidade exigente e aberta a todos, tanto leigos como religiosos, atentos às duas diferentes realidades, essencialmente baseadas no amor. Entendemos assim a exortação de Santo Antonio Maria para buscarmos ‘o único caminho para Deus’ e, ao mesmo tempo, não nos tornarmos desmerecedores da vocação que temos, de modo que possamos ser herdeiros e filhos legítimos dos grandes Santos. “*O Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês*”, diz o Fundador: “*Não minto para vocês*” (10712). O ponto de referência é sempre a cruz e o Crucificado, ‘caminho’ supremo para a perfeição. “*Não reparem no fato de ser eu quem fala assim: considerem, ao contrário, o amor que eu tenho por vocês e como anseio intensamente pela perfeição dos dois! Olhem para o meu coração: está aberto! Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse!*” (11108). Estando o coração em Cristo, assim seu mais íntimo desejo está Nele, que tudo pode: “*Caríssimos amigos, dêem lembranças a todos de quem me esqueci nesta carta. Ando muito cansado. Cristo os abençoe na intimidade e lhes conceda seu próprio Espírito*” (10618).

**VIDA RELIGIOSA SEGUNDO
SANTONIO MARIA ZACCARIA
OS CONSELHOS EVANGÉLICOS:
POBREZA, CASTIDADE, OBEDIÊNCIA**

Introdução

O caminho para a santidade, que vimos nos capítulos anteriores, diz respeito a todos. É comum a todos. A forma de realizá-lo é que difere, pois cada um de nós deve cumprir sua própria vocação particular. Com efeito, “é próprio a cada um de nós” alcançar o fim escolhendo os meios que se adaptam a nosso próprio carisma (cf. 31901). O religioso é chamado a realizar a vocação comum para a santidade, através da profissão dos votos, porque “*Deus, na sua misericórdia, nos tirou do mundo, mesmo sem merecimento nosso, para que, ao servi-lo, passemos de fortaleza em fortaleza (Sl.84,8) e, vivendo na paciência, consigamos frutos abundantes de caridade*” (20707). Essa separação ou consagração feita por Deus requer que cada religioso – e particularmente os Barnabitas e as Angélicas – alcance “*o conhecimento de nós mesmos e a vitória sobre nós mesmos, a imitação da bondade e da simplicidade cristãs, abraçar os insultos e querer amar a Cristo*” (31901).

Dessa forma, poderão ser “*plantas e colunas de renovação do fervor cristão*” (10711) e anunciadores do ‘espírito vivo’ por toda parte, conforme o exemplo de São Paulo, liderando o próximo para o espírito verdadeiro e para o verdadeiramente vilipendiado Cristo Crucificado (cf. 10505). Dessa forma, colherão frutos abundantes da caridade tão desejada pelo Fundador. Assim, a caridade – isto é, o amor – move a pessoa para o próximo e conseqüentemente na direção de Deus. Ao mesmo tempo, é resultado desse movimento, tanto a causa quanto o fim. Portanto, podemos falar da caridade como a própria origem da vida religiosa.

1 Bases dos Conselhos Evangélicos: Caridade = Amor

Antonio Maria Zaccaria lida com o tema da Caridade do ponto de vista teológico (racional) e do ponto de vista moral (espiritual), em seu quarto sermão, que trata do quarto mandamento: Honrar pai e mãe.

A. *Necessidade da Caridade*

“*Caríssimos, só o amor é que vale; qualquer outra atitude, sem amor de nada vale*” (20401). A caridade pode ser verificada ao se compará-la com a eloquência, “*uma excelente virtude*”, diz o Fundador. É necessária para liderar as pessoas, mas, quando privada de caridade, considerando-se somente parte da sabedoria humana, é como uma árvore cheia de folhas, mas com muito poucos frutos (cf. 20401-03). É atraente e rica externamente, mas vazia de conteúdo, conduzindo à hipocrisia. A ciência, preciosa e desejada por todos para o crescimento no saber, sem a caridade, torna as pessoas presunçosas, levando à violação dos mandamentos, especialmente o primeiro, bem como ao orgulho, seguido por apostasia e idolatria.

Fé: embora possa fazer milagres, sem a caridade, está morta.

Obras: sem a caridade se esvaziam de qualquer valor verdadeiro, tornando-se instrumentos pessoais de autoglorificação e exaltação. São meramente farisaicas.

O martírio deveria ser o fruto mais maduro da caridade, como um sinal de total entrega pessoal. No entanto, sem a caridade, perde seu valor, tornando-se uma mera busca de autoglorificação. Torna-se a expressão extrema da hipocrisia (cf. 20409).

A caridade é, pois, a virtude capaz de tornar todas as demais transparentes, críveis e concretas. Em todos os casos, é antes de tudo um dom de Deus, porque, movido por seu amor pelos homens, Deus veio do céu para salvá-los e forçá-los, em nome do amor, a amá-Lo. Assim, o amor de Cristo entrou no mundo: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra: e como gostaria que já estivesse aceso!” (Lc.12,49) (cf. 20412). Por isso, diante de tão grande amor, todos os outros amores ou afetos

são incapazes de levar o homem a seu fim, tornando-se um obstáculo. Tal peso, que não é facilmente eliminável, só pode ser cortado pela raiz com o único instrumento que o homem tem. É um amor tão grande e poderoso que traz “ódio” aos outros amores. *“O não gostar das coisas terrestres nasce do amor das coisas do céu!”*, diz o Fundador. Portanto, *“se não é possível passar por estas dificuldades e carregar esse peso sem amor, porque o amor é que carrega o peso; devemos concluir que o amor de Deus é necessário. Por isso, sem o amor de Deus nada se faz. Logo, todas as coisas dependem desse amor”* (20416).

B. Como Adquirir a Caridade

A forma de adquirir a Caridade e verificar se ela existe em nós é apontada pelo Fundador quando ele diz: *“Só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor; além disso, faz com que ele apareça claramente, quando, de fato, existe em você. Quer saber o que é? É o amor ao próximo!”* (20418). Com efeito, *“Deus é espírito (Jo.4,24); Deus age de maneira invisível e, por isso, sua ação espiritual só é vista com os olhos da mente e do espírito: na maioria dos homens, esses olhos são cegos e em todos os homens, esses olhos estão desacostumados e indecisos para ver”* (20419).

Ao contrário: *“Mas o homem está perto, o homem é corpo, que age para o outro homem: o que ele faz é visível; portanto, uma vez que Deus não precisa dos nossos bens e sim o homem, Deus o colocou como ponto de referência: assim é que, se você tem um amigo querido, apreciará também as coisas que lhe agradam e que ele aprecia. Ora, como Deus tem tanto amor pelos homens - e sempre teve - você seria muito cruel e mostraria um amor muito fraco por Deus, se não se importasse com o homem, que Ele resgatou por um preço tão elevado!”* (20419).

O último raciocínio, pois, está no mandamento que o próprio Jesus nos deu: *“Amem uns aos outros, como eu amei vocês. Assim, todos saberão que vocês são meus discípulos: se vocês amarem uns aos*

outros” (Jo 13,34b-35). O raciocínio vem do fato de que o julgamento final estará baseado no amor ao próximo (Mt 25,35). Paulo estava tão convencido da necessidade desse amor que desejou ser amaldiçoado por seus irmãos. “Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de minha raça” (Rm 9,3). O próximo é visto nas Escrituras como o caminho para Deus, sendo ainda objeto de toda espécie de obra de misericórdia (Mt 25,45) (cf. 20423). O amor ao próximo é tão importante que se torna *conditio sine qua non* (condição indispensável) para atingir a perfeição e chegar a Deus. Nessa perspectiva, entendemos o dom do Decálogo: “*Com os três primeiros mandamentos da lei, o homem orienta toda a sua vontade, toda a sua intenção, toda a sua palavra e toda a sua ação para Deus. Com os outros mandamentos, vive concretamente para o próximo*” (20424).

Concretamente, para adquirir a caridade, o Fundador examina o quarto mandamento – “*honrar pai e mãe*” – e desse “*respeito*” devido a nossos pais, alarga o espaço em que a caridade pode operar, como “*respeito*” por todos os homens e mulheres em geral. A razão está na palavra “*pai*”, que é um nome de amizade, ajustando-se assim a todos, pois esses são nossos iguais. É interessante notar o apelo à justiça social em favor das categorias mais débeis da sociedade, os trabalhadores, os idosos, etc., assim como a exortação a falar sobre a justiça social sem medo (cf. 20311-12 e 20426-30).

Deus deu, então, aos cristãos uma lei de amor e liberdade, inscrita em seus corações (cf. 20109). Dessa forma, não há espaço neutro onde essa lei não esteja em ação. Não existem zonas indiferentes em nossas vidas. O amor oferecido a nós pede uma resposta. Nesse sentido, a nova lei é mais exigente do que a anterior: no sentido de seu cumprimento. Além disso, a nova lei não é dada para adicionar ônus, mas para aliviá-los, pois é um jugo leve, que refresca o coração; é o resto; é a vida (cf. 20102-05). Os conselhos evangélicos são vistos sob essa perspectiva. Não sugerem nada de novo, além da lei. E, embora distintos dos preceitos, tal distinção não se baseia na obrigação, mas sim no

amor, que é a razão dos conselhos.

2. Conselhos e Preceitos

Antonio Maria Zaccaria tenta esclarecer a razão dessa distinção em seu sermão sobre a tibieza (Sermão 6). Diz que é uma espécie de ranhura que atinge a vida espiritual do cristão, quando alguém se deixa dominar pela ilusão de que *“não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis. Rezar muito, humilhar-se muito, fazer muita penitência, dar o que temos aos pobres, sobrecarregar-se de coisas espirituais... Pra quê? Não precisa!”* (20618). A resposta de Antonio é imediata: é verdade que algumas coisas estão determinadas por preceitos e outras por um conselho evangélico. Basta se reportar ao jovem do evangelho (Mt 19,16), ou ao discurso sobre o eunuco do reino (Mt.19:12), ou ainda ao conselho paulino sobre a virgindade (1Cor 7,25). Mas, a razão da distinção é a tentativa de se livrar da semente ruim da tibieza, porque:

- diante da perfeição proposta aos cristãos, alguns fracos podem se sentir desencorajados;

- a distinção, portanto, está ali para encorajar os fracos que, obtendo certa estabilidade em sua vida cristã, deveriam seguir, pouco a pouco, na direção da perfeição, superando a distinção entre conselho e preceito.

A conclusão é: *“comece a fazer o bem que é necessário, pois, assim, você irá para frente e se tornará melhor”* (20619). Se quisermos manter a distinção, favoreceremos a tibieza e a negligência, porque, deixando de observar os conselhos, os próprios preceitos não serão observados. A experiência está aí para ensinar. Olhemos para a relação entre confissão e pecado. Quanto menos confessamos, mais nos arriscamos a pecar (cf. 20620). Assim, *“se não quer desrespeitar os mandamentos, observe os conselhos... quem despreza o pouco, cairá logo na miséria”* (Eclo.19,1) (20621).

A. Os Preceitos

Quando fala dos preceitos, o Fundador tem em mente os mandamentos, os preceitos da igreja e o preceito da obediência na vida religiosa.

1. Preceito Divino – os Mandamentos

A antiga lei tem três espécies de mandamentos – morais, legais e rituais (cf. 20115). Como se pode ver, o Fundador segue os ensinamentos de São Tomás de Aquino na classificação e no significado dos preceitos (Summa Theologiae I/II, 99-105):

- os preceitos rituais, que regulavam a vida religiosa de Israel e o culto, são anulados depois de Cristo, porque não são “a figura” do verdadeiro culto que o próprio Deus instituiu;

- os preceitos legais, que regulavam a vida social e se associavam às classes sociais, foram anulados com a chegada da nova lei, que substituiu o medo pelo amor;

- os preceitos morais, isto é, os preceitos do Decálogo, sendo preceitos “da natureza”, são permanentes e obrigatórios também para o cristão. Especialmente,

- o primeiro mandamento, a demonstrar a relação entre a Palavra de Deus e sua atividade de criação (Eu sou), de governo (Senhor) e de libertação (Eu os tirei do Egito...). Consequentemente, segue-se a proibição de adorar outros deuses (que, para o fundador, são a superstição, adivinhações, artes de magia, etc..). Fruto dessa observância será a liberdade do coração (cf. 20126).

- o segundo mandamento, dizendo respeito ao nome do Senhor, especialmente quando usado para dizer falsidades e blasfemar. É violado mesmo quando adulamos, mentimos, simulamos ou ludibriamos os outros. Fruto da observância será o controle da língua (cf.20213-14).

- o terceiro mandamento, dizendo respeito à nossa consagração e oferecimento a Deus. A observância do 7º dia (morte e sepultamento de Cristo e descanso da alma no céu) e a abstenção do trabalho. A observância desse mandamento é uma atitude eucarística (de gratidão) e de controle

de nossa atividade (cf. 20318-19).

Esses três mandamentos já representam um grande passo para que nos livremos de nossas imperfeições e alcancemos o ápice da santidade, que torne nossos corações verdadeiramente dedicados a Deus. Os outros sete mandamentos, como antes mencionado, dizem respeito ao próximo. Portanto, amor a Deus e amor ao próximo são dois aspectos inseparáveis da verdadeira caridade, que deve ser real, parte do real e parte de nossa vida.

2. Preceitos da igreja e preceitos da obediência religiosa

a. Preceitos da igreja

O Fundador fala dos preceitos quando tem em mente os membros da Congregação, em sua participação mais frequente na partilha do pão e na leitura da Palavra de Deus e não apenas no dia do Senhor (domingo) (preceito que obriga o cristão a ir à missa aos domingos). Exorta-os à comunhão frequente, mesmo nos dias de semana, e, conseqüentemente, à confissão frequente (confissão sacramental). Também toca no problema do jejum regular, não apenas nos dias fixados. Excepcionalmente, exorta-os a não aceitarem esmolas e espórtulas por missas e outros serviços religiosos, de modo a evitarem “*negociar o Sangue de Cristo*” (30104). A razão provavelmente decorre da situação histórica de seu tempo, quando se espalhava a praga da simonia.

b. Preceitos da obediência religiosa

O Fundador mantém a mesma atitude conseqüente à lei do amor, em relação a isso. Exorta e recomenda que o Superior não se utilize desse preceito, por estar profundamente convencido de que o religioso, sendo religioso, deva se conformar à obediência livremente e de todo seu coração. A regra deve ser observada voluntariamente, porque seu fundamento não é colocar outro jugo sobre o religioso, mas sim libertá-lo e guiá-lo para além da lei, não com a força, mas com o amor.

B. Conselhos Evangélicos

Verificamos que o conselho em geral não pode ser considerado algo apenas marginal ou opcional para quem ama alguém profundamente, porque essa é a lei intrínseca do amor. Isso vale especialmente para os conselhos evangélicos, que, afinal, resumem todos os outros. Nesse sentido, todos os cristãos, conforme sua situação, estão convidados a segui-los:

- os leigos como “virtudes”;
- os religiosos como voto de virtude, em uma vida comunitária.

Essa forma de ver os votos está claramente presente nos Escritos do Fundador, sobretudo no que concerne ao voto de castidade. Tratando dos votos, ressaltamos de modo especial o voto da obediência, porque o Fundador o considera essencial à vida religiosa.

1. Obediência

“A obediência... é o primeiro voto solene da vida religiosa” (31706), diz Antonio Maria Zaccaria. No entanto, sobre ela, escreve o capítulo mais curto de suas Constituições, embora fale dela, aqui e ali, em suas cartas e sermões. De forma genérica, podemos delinear essas observações, ressaltando o caráter de experiência da obediência, ainda que não totalmente adquirida.

1.a. O aspecto do crucificado. O primeiro aspecto fundamental

“A Religião é uma cruz contínua ... e Deus nos manda carregar, cada dia, a nossa cruz, ... use do seu tempo para ajudar o próximo, agarre-se à obediência e não se afaste dela” (20135). Essa é a disciplina da cruz, sobre a qual Barnabitas e Angélicas construíram sua espiritualidade. Leva-os a ‘se esvaziarem’ do que achem mais precioso. “Ajudem-me de perto a arrancá-la, para eu poder imitar Jesus Cristo, que assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte (Fl.2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer” (Hb 12,2; cf. 11,26; 13,13) (10214). “Comprometam-se com atitudes de humildade

e de simplicidade e não procurem a própria vontade, mas a de Cristo em vocês, pois assim se sentirão mais facilmente pertencentes a ele” (Rm 13,14) (10711). O objetivo de tal disciplina, que quebra a vontade, é purificar a alma de sua rudeza carnal. Somente então podemos ouvir a voz de Deus e responder a ela docilmente, assim seguindo o exemplo de Cristo. Além disso, o hábito de sermos decididos cria a convicção interior e a boa vontade, que é uma das características da obediência. Consequentemente, o que se faz necessário não é a virtude e a regularidade a qualquer custo, mas a homenagem com convicção e um coração amoroso a serviço do Senhor (cf. 30202).

1.b. A natureza multifacetada da obediência

Com efeito, a obediência está estritamente ligada a outras virtudes. A primeira é a humildade, pois essa é a mãe de todas as virtudes e a base da Congregação (cf. 10901-04). Em seguida, a pobreza, pois quem se mantém para si mesmo e para sua própria vontade não é verdadeiramente pobre. O fervor é outra virtude, pois o segredo da perfeição consiste em “*avançar cada vez mais e em coisas mais perfeitas*” (31820). Por último, a autenticidade, na medida em que é a orientação correta interior (cf. 31714-16). Daí se segue que detalhado legalismo e formalismo são sinais do relaxamento da obediência. Os preceitos se tornam como poços em que o religioso pode cair e perecer (cf. 20210-11). Sem dúvida, a obediência é virtude bastante difícil, especialmente para pessoas de caráter forte (cf. 20417). Portanto, o superior deve ser doce e manso para com eles, além de misericordioso (10701-14).

Embora seja pessoal, a obediência deve se tornar comunitária, porque ajuda a estimular o corpo inteiro e a compensar a pobreza do pequeno corpo místico da Congregação (por causa de seus defeitos) e o corpo mais amplo da Igreja. A obediência nobre (assim Zaccaria a define) vê no superior o próprio Fundador e nele vê “*Jesus Cristo, o Pastor da alma*” (cf. 20110-11, 10504-05, 10704.11-12).

2. Castidade

“...Ensine-lhes a abraçar de tal forma o ‘Lírio da Castidade’, que se acusam de adultério espiritual, caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio” (31210).

A castidade é a resposta a um amor forte e ciumento de Deus, a exigir exclusividade de nosso coração, assim considerando todos os outros amores positivos e negativos como adúlteros. O próximo não está excluído. Ao contrário, a castidade conduz ao amor ao outro. O próximo não causa dispersão, mas reunião e boas-vindas na caridade. A distração pode acontecer porque existem fatores não religiosamente autênticos, como a maneira errada de viver a irmandade ou a fraternidade, ligações afetivas a coisas desnecessárias e relações não corretas com leigos. Tais fatores podem trazer um desequilíbrio à afetividade religiosa, assim expondo a pessoa a maiores riscos. Podemos concluir, pois, que a primeira castidade imaculada começa a se ofuscar e enegrecer (cf. 31711-12). Outros fatores podem se fazer presentes (palavras, escritos, malícia) e, embora sem levar o religioso a coisas não castas, as acolherá no pensamento. Essa situação é considerada séria, a ponto do religioso dever ser expulso. *“Quem for surpreendido uma vez só com palavras ou escritos, gestos ou atos - não digo ter-se envolvido em problemas sexuais - mas apenas comprovadamente ter tentado envolver-se nessas coisas - seja definitivamente expulso ...” (30301).* *“Se seus olhos forem cegos e adúlteros, imagina só como será o resto do corpo!” (10705).*

Mas, isso exige discrição e discernimento, de modo a se verificar a verdadeira causa de tal comportamento: uma tentação do diabo ou um processo permitido por Deus. O critério é dado pelo comportamento do religioso: se evita ligeireza e indolência; se busca a humildade; se deseja a integridade de seu corpo e sua alma com fervor; ou se há uma negligência voluntária (essa é a razão fundamental de sua expulsão da Congregação) (cf. 30303). Também é importante sua consideração so-

bre a castidade para pessoas casadas, a ser colocada (caridade) diante do sacramento. Na medida em que a castidade e o comportamento correto são a vontade de Deus, para nossa própria santidade, segue-se que a concupiscência introduz uma relação deformada com Deus (o que se poderia chamar de idolatria). Assim entendemos a exortação ao leigo para cultivar a ‘virtude’ da castidade.

3. Pobreza

“Ensine-lhes [aos noviços] a amar ardentemente e com tal força a Pobreza, que nunca digam a respeito de qualquer coisa: ‘Essa coisa é minha’ e mais, fujam de qualquer atitude de apropriação, ... de tal forma que desejem que lhes falem até as coisas mais necessárias, sabendo que, sob o pretexto da necessidade, os braços do supérfluo, muitas vezes, aumentam demais” (31211).

Essas instruções, dadas pelo Fundador ao Mestre dos Noviços, constituem indicação precisa para se entender o valor pedagógico da virtude e do voto de pobreza, assim como do distanciamento radical das coisas. Não colocar o coração nas coisas traz liberdade, o que nos ajuda na vida espiritual e no exercício da caridade. Tudo é feito com vista à perfeição. *“Que miséria! Que infelicidade! Que pena! Todas as contrariedades e trabalhos do mundo batem à sua porta e não deixam você descansar nem de dia, nem de noite, nem por um momento!” (20417).*

Nesse sentido, as relações com as coisas mudam. Não são um desejo de posse, devendo ser mantidas porque são a posse sagrada do Senhor. Mudam ainda as relações com os irmãos. A caridade nos impele a dar e emprestar nossas posses com magnanimidade e alegria, compartilhando com os outros o necessário, conforme as possibilidades (cf. 30404). A alegria mais profunda dos que estão enraizados na pobreza não é tanto o desejo de ser pobre, mas também o de deixar para trás as coisas necessárias (cf.30406). Segue-se que o aumento de bens à nossa disposição, acompanhado por cupidez, gera queixas e pretensões. A multiplicação de meios para defesa da propriedade e a afirmação do

direito de posse são sinais da ruína desse voto. O amor pela pobreza estará então terminado; mais do que isso, um ódio à pobreza terá nascido (cf. 20413 e 31709).

C. A observância dos preceitos divinos: condição necessária para a vida religiosa, que se torna impossível sem os conselhos evangélicos.

Antonio Maria Zaccaria ressalta dois importantes aspectos:

1. O caminho para a perfeição, que leva o homem a Deus, pede que o homem responda aos dons recebidos, dando a Deus o tributo devido. Tal tributo é a observância dos mandamentos, que não deve ser exterior ou farisaica, mas sim fruto do coração, baseando-se na amizade que Deus quer construir com o homem em Jesus Cristo (Jo 15,15). Deus introduz o homem a um conhecimento dos mistérios e esse experimenta Sua presença (cf. 20301-08). É uma questão de observância sem medo. Isso também é um dom de Deus. Nesse sentido, a observância dos mandamentos prepara para uma relação mais íntima com Deus em Cristo, relação essa vivida com base nos conselhos evangélicos. Ao chamar o jovem rico, Cristo quer que ele compartilhe Sua própria vida para levá-lo a gozar da vida eterna, Sua própria glória eterna, mas pede-lhe que aperfeiçoe sua observância dos mandamentos, deixando suas riquezas, não só material, mas também afetivamente (cf. 20116). De um lado, tem-se a impressão de que a observância dos mandamentos seja suficiente para compartilhar a intimidade com Cristo e se tornar seu seguidor, mas, de outro lado, os mandamentos não são o bastante para se tornar Seu seguidor.

2. Uma verdadeira ‘sequela’ (seguimento) de Cristo requer uma total conformidade com Ele e um verdadeiro compromisso para imitar Sua vida, testemunhar Sua presença no mundo. Como Sua vida é um modelo de total dedicação e aceitação da vontade do Pai, segue-se que o discípulo, para ser perfeito, deve tentar viver as virtudes de Cristo. Tais virtudes são a obediência (relação com Seu Pai), a castidade (escolha de uma vida virginal, sinal de Sua disponibilidade para todos) e

a pobreza (sinal de Sua total kenosis: “o fato de se esvaziar para os outros”). Assim, o discípulo pode seguir Cristo efetivamente, através de:

- sua total submissão, rebaixando-se e buscando a harmonia com todos, através da obediência vivida como virtude e como voto;
- adquirindo e mantendo a verdadeira integridade do corpo e da alma, através da virtude da castidade;
- desejando fervorosamente e vivendo a virtude e o voto de pobreza.

Portanto, para o religioso, o caminho para a santidade passa pelos conselhos evangélicos professados e vividos na vida comunitária. Os Barnabitas e as Angélicas, em particular, desejando viver a consagração fervorosamente, devem buscar “*a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias*” (31608). Nesse compromisso, jamais estarão sós, porque, como afirma o fundador, “*E a unção do Espírito Santo lhes ensinará tudo e tomará conta de vocês, porque foram do agrado de Deus, ó pequeno rebanho! (Lc 12,32)*” (31610). Além disso, o Fundador estabeleceu um compromisso com seu discípulo, Carlo Magni: “*Observando tudo isso, você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado*” (10316). Assim, se o religioso tem enraizados os motivos e causas de sua escolha para viver os conselhos evangélicos, os três votos se tornam para ele o que os três primeiros mandamentos significam para o cristão comum: um caminho para a santificação. “*E assim, preso a esses três laços, você sairá com facilidade do poço da miséria e da imperfeição, como aconteceu com o profeta Jeremias (Jr.38,13) e chegará ao máximo da santificação, única coisa que faz a nossa vida agradável a Deus*” (20316).

Comparação entre Santo Antonio Maria Zaccaria e o Concílio Vaticano II (Lumen Gentium, Caps. 5-6):

Para concluir, podemos indagar quais seriam os pontos de vista similares entre Antonio Maria e o Concílio Vaticano II na Constituição Lumen Gentium (sobre o tema da “Vocação Universal para a Santidade na Igreja” e “Vida Religiosa”). Embora devendo ter em mente as diferentes épocas, podemos destacar algumas similitudes.

A. Chamado Universal à Santidade

O primeiro elemento em comum é a visão trinitária, tanto no Concílio como no Fundador. O modelo de cada um é Cristo, agindo junto com o Pai, a quem pertence o começo, e com o Espírito, que guia o homem à perfeição, fazendo-o se conformar a Cristo e, assim, preparando seu coração para a presença de Deus (**cf. 20201**). Ambos se referem ao mesmo texto bíblico Mt 5,48 (**LG 4C**) (**cf.20611**).

Um segundo elemento em comum é o protagonista da vocação: o homem. Nesse sentido, leigos e religiosos são chamados, no mesmo caminho, para a perfeição. Esse caminho parte da observância dos mandamentos. Deve crescer no sentido dos conselhos evangélicos, a serem vividos de acordo com cada estado (**cf. Cartas 10, 11**). Profundamente relacionada é a tarefa missionária dos dois modos de vida. Aqui, o Fundador parece estar à frente de seu tempo. Não criou uma congregação de mulheres de acordo com a tradição que as enclausurava em conventos, fundando sim uma congregação apostólica ativa. À sua época, isso se constituiu em um evento revolucionário, que não seria aceito, tendo as Irmãs, posteriormente, sido postas no claustro como as outras freiras. O Fundador enviou juntos em missão padres, irmãs e leigos para a tarefa de evangelização.

Outro elemento novo é a figura do leigo, que não é mero executor, mas autêntico protagonista da reforma, sustentáculo de uma espiritualidade vivida em cada lugar e cada pessoa (**cf. Carta 11**).

A função apostólica é reconhecida pelo Concílio aos leigos em **LG 33 e 41**. Em outras palavras, é um caminho comum de seguir a Cristo, mas um Cristo pobre, humilde e crucificado (**LG 41**). No Fundador, esse aspecto está sempre presente, de modo que a cruz se torna o caminho autêntico que conduz a Deus (**cf. 20615-16**).

A base desse caminho é a caridade, primeiro e necessário dom de Deus ao homem. Através do Espírito Santo (**LG 42**), a caridade é verdadeiro e necessário “motor, que leva o homem a amar a Deus e ao próximo”. Mas, a Caridade também é o fruto, o fim a ser alcançado. Para isso requer os maiores esforços da humanidade. Nesse sentido, tanto o Concílio quanto o Fundador (que trata desse argumento em sua totalidade no Sermão 4) trazem à mente a necessidade de nutrição da caridade, de modo que essa possa crescer e deixar frutos no solo. Alimentos próprios para nutrir a caridade são a Palavra de Deus, o cumprimento da vontade de Deus, com a ajuda da Graça, os sacramentos, especialmente a Eucaristia, a liturgia, a oração, a mortificação e o serviço aos irmãos necessitados, através do exercício das virtudes (**LG 2**) (**Cartas 3, 2, 11**).

A caridade também é a origem de dois importantes caminhos lembrados pelo Fundador e pelo Concílio:

- o martírio, expressão mais madura da caridade (**cf. 20409-10**) e
- o conselho evangélico, vivido como virtudes pelos leigos e como virtudes e votos pelo religioso.

Além disso, enquanto o Concílio sugere esse caminho sem dar quaisquer outros detalhes, o Fundador fala sobre isso quando trata das relações entre “conselhos” e “preceitos”. Lembra aos leigos que o exercício de tais virtudes, em especial a castidade, é uma capacidade frutífera para a pessoa como um todo e para seu crescimento espiritual (**cf.20126**). Como se pode verificar, Antonio Maria Zaccaria apresenta, pelo menos, a intuição universal essencial na direção da santidade, a constituir o objetivo primário de todo crente, o ápice da evolução humana e da regeneração espiritual. Por essa razão, leigos e religiosos têm

uma vocação comum. No entanto, mais adiante, essa está destinada a se diferenciar.

B. *Vida Religiosa*

Em **LG 42**, o Concílio fala brevemente sobre os votos, mas a orientação é ligeiramente diferente. Fala sobre Virgindade-Castidade, em seguida Pobreza e, finalmente, Obediência, enquanto Zaccaria fala sobre Obediência, Castidade e Pobreza. Comparemos cada uma.

Obediência: Tanto o Fundador quanto o Concílio ressaltam a renúncia da vontade para a submissão de si mesmo a um homem (representando Deus), para além da visão estreita do preceito, de modo a se conformar à obediência de Cristo. Especialmente Zaccaria apresenta a obediência relacionada à cruz (cf. **20135**).

Castidade: O Concílio fala sobre a Castidade enquanto um nível mais alto de amor, como o martírio (**LG 42**). O Fundador considera a Castidade do ponto de vista de um casamento místico. Diz que violá-la é preferir todas as outras realidades a Ele, o que equivaleria a um adultério espiritual (cf. **31210**).

Pobreza: O Concílio ressalta a kenosis de Cristo. O Fundador enfatiza fortemente o aspecto cristológico da Pobreza, a destacar a libertação das posses (cf. **20414**).

Finalmente, tanto o Concílio quanto o Fundador entendem que a vida religiosa é um exemplo fortemente estimulante para o povo de Deus e fonte da renovação espiritual que parte da reforma pessoal (**LG 46**) (cf. **20401-12**).

Para confirmar o que dissemos, a figura do Fundador, com seu estilo de vida e o testemunho de sua vida, diz que a profissão dos conselhos evangélicos não se opõe ao real desenvolvimento da pessoa humana. Ao contrário, lhe é de grande ajuda. Os conselhos trazem a purificação do coração à liberdade espiritual e mantêm aceso o fervor da caridade (**LG 46**). Antonio Maria Zaccaria é, com efeito, um homem plenamente “desenvolvido”.

CONCLUSÃO GERAL

Marcado por sua morte prematura e uma vida totalmente dedicada à vontade de Deus, Antonio Maria Zaccaria deixou a seus filhos uma herança exigente de perseverança até o fim, de modo a se tornarem grandes santos, ou pelo menos pequenos santos. É uma exigência urgente e insistente, dizendo respeito a leigos e religiosos (os Barnabitas, as Angélicas e os Casais de São Paulo).

A todos ele diz: *“vocês têm a obrigação de dar-me satisfação”* (10712). É o desejo de um vibrante coração paterno, ansioso pela salvação de seus filhos – desejo esse que vemos em seus raros e curtos Escritos. Mas, tais Escritos tocam o leitor e o convidam a se deixar abrir para Deus e para o próximo. O que o Fundador quer dar são alguns pontos precisos a partir dos quais a pessoa possa construir um programa para sua própria vida espiritual. Todos(as), leigos(as) ou religiosos(as), podem extrair daí uma orientação precisa para seu próprio crescimento espiritual. Seguindo aqueles pontos com radicalismo evangélico e consequência lógica, conforme seu próprio status, a pessoa pode testemunhar uma autêntica reforma espiritual. Para o religioso em particular, esses pontos podem ser um programa de vida espiritual dentro da comunidade, de modo a despertar em si e nos outros um impulso para Deus. Nesse caminho, leigos e religiosos juntos podem levar o espírito vivo para todos os lugares, conforme o desejo do Fundador. Antonio Maria Zaccaria surge como um robusto mestre espiritual, não só porque expôs uma visão completa dos “caminhos para Deus”, mas também porque pôde traduzir essa visão em conselhos espirituais concretos para guiar as almas para Deus.

Padres e Irmãos Barnabitas